

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOESPACIAL
E REGIONAL

KATYANE ALICE LOBO DE ALMEIDA

A EXPERIÊNCIA DOS CHINESES NO CENTRO COMERCIAL DE SÃO LUÍS: O
embarque e desembarque, o processo de inserção socioeconômica e a dinâmica
entre o global, o nacional e o local

São Luís
2019

KATYANE ALICE LOBO DE ALMEIDA

**A EXPERIÊNCIA DOS CHINESES NO CENTRO COMERCIAL DE SÃO LUÍS: O
embarque e desembarque, o processo de inserção socioeconômica e a dinâmica
entre o global, o nacional e o local**

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zulene Muniz Barbosa.

São Luís
2019

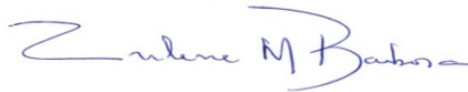
KATYANE ALICE LOBO DE ALMEIDA

A EXPERIÊNCIA DOS CHINESES NO CENTRO COMERCIAL DE SÃO LUÍS: O
embarque e desembarque, o processo de inserção socioeconômica e a dinâmica
entre o global, o nacional e o local

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Aprovada em: 30 / 09 / 2019

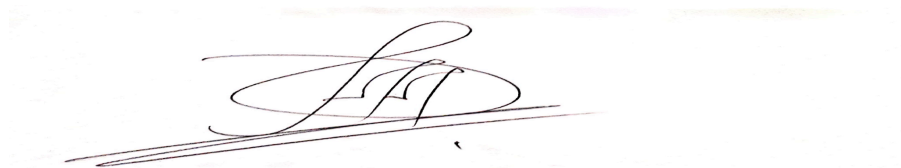
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Zulene Muniz Barbosa (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dr. Bráulio Roberto de Castro Loureiro (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira (Examinador Externo)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me fez acreditar que era possível realizar todos os meus sonhos.

Ao meu esposo, meu melhor amigo, que acreditou e me apoiou antes e durante essa jornada, e aos meus filhos, que são a maior fonte de inspiração para alcançar meus objetivos. À minha mãe, que mesmo distante me incentivou a concluir cada etapa do mestrado. Aos meus sogros, que me acolheram e se tornaram minha segunda família. As minhas irmãs, Tatyane e Julieth, que sempre torceram e me apoiaram, em especial à minha prima Jessica, que me instruiu no percurso do processo seletivo do mestrado.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Zulene Muniz Barbosa, que me incentivou quando ainda era apenas aluna especial do mestrado, e que acreditou em mim desde o início dessa jornada.

Sou grata a minha banca de defesa composta pelo Prof. Dr. Josenildo de Jesus Pereira e o Prof. Dr. Bráulio Roberto de Castro Loureiro, que com muita competência me forneceram sugestões valiosas para chegar até aqui.

Às melhores amigas, Julia, Shirley, Sâmia e Dayane, que desde a graduação sempre estiveram presentes nos momentos tristes e felizes da minha vida. À amiga (irmã do coração) de infância, Fernanda, que desde sempre me incentiva a estudar, e vibra juntamente comigo a cada conquista alcançada.

Ao amigo Diêgo, que sempre me motivou a fazer o mestrado, que me ajudou a passar para o processo seletivo, que tirou um tempo para me auxiliar nos estudos dos textos, que não me permitiu desistir em meio às circunstâncias e que permanece me orientando no meio acadêmico para alcançar novos patamares.

Minha gratidão a Mônia, a quem tive o prazer de conhecer antes da minha entrada no mestrado, e que no decorrer dessa caminhada me prestou auxílio inimaginável, se mostrando uma verdadeira amiga.

À Danielle e ao Lucas, alunos do programa do ano de 2016, que me auxiliaram com textos e informações preciosas, me ajudando a passar ao PPDSR em 2017, e que hoje fazem parte da minha vida pessoal e profissional. À Dani em especial, que se tornou uma verdadeira amiga

Aos colegas do mestrado, que sempre deram contribuições grandiosas e fizeram do mestrado uma caminhada mais leve e alegre. Ao Luís e ao Marcos, pelas

conversas construtivas e de amizade durante as idas e vindas do mestrado, que faziam o meu trajeto ficar mais curto e especial. Ao Lucas Borba, que jamais se recusou em me prestar auxílio quando solicitado, independentemente da hora. À Mirela pela disponibilidade para compartilhar experiências

À Cinara e Izamara, que utilizaram de seus conhecimentos para me auxiliar na escrita da dissertação, sempre com indicações importantes de autores e conselhos enriquecedores, que me fizeram concluir de forma esplendorosa a dissertação. Ao William, meu amigo mais antigo do mestrado, que me motivou e estudou comigo antes mesmo de passarmos no processo seletivo.

Aos meus ex-alunos, que me ajudaram com palavras motivadoras e sempre ficaram na torcida, em especial aos que se fizeram presentes nas coletas de dados da minha pesquisa: Ethiene, Adriely, Felipe e Kleberson.

Finalmente a minha gratidão a Shan Teng, que se colocou disponível para as entrevistas e não hesitou em compartilhar informações importantes, que levaram a minha pesquisa à maturação, sendo sempre extrovertida e simpática a cada encontro.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a chegada e permanência de imigrantes asiáticos no centro comercial de São Luís, a relação de trabalho entre lojistas chineses e trabalhadores e maranhense, destacando a sua organização econômica e social. Discute-se a ascensão da China no âmbito do processo de financeirização, o processo de imigração dos chineses e a expansão dos seus negócios e de seus produtos manufaturados em vários países e de modo particular no Brasil e no Maranhão. Aborda-se as imigrações, com foco na diáspora chinesa sendo este um dos fatores a partir do qual os imigrantes asiáticos se instalaram no centro comercial de São Luís como medio e micro empreendedores.

Palavras-chave: Globalização. Mundialização. Diáspora Chinesa. Comércio do Centro de São Luís.

ABSTRACT

This research analyzes the arrival and stay of Asian immigrants in the commercial center of São Luís, the working relationship between Chinese shopkeepers and workers and Maranhão, highlighting their economic and social organization. It discusses the rise of China in the scope of the financialization process, the immigration process of the Chinese and the expansion of its business and its manufactured products in several countries and in particular in Brazil and Maranhão Immigration is addressed, with focus on the Chinese diaspora, this being one of the factors from which Asian immigrants settled in the commercial center of São Luís as medium and micro entrepreneurs.

Keywords: Globalization. Chinese Immigration. Trade of the Center of São Luís.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Chinatown de São Francisco	24
Figura 2 - Ciclos da migração chinesa para o Brasil	25
Figura 3 - Municípios de residência dos imigrantes chineses registrados entre 2000-2014	26
Figura 4 - Galerias comerciais da 25 de Março e do Brás	27
Figura 5 - Chineses ocupam galerias de comerciantes tradicionais da rua 25 de Março, São Paulo	28
Figura 6 - Restaurante Chinês na rua 25 de Março, São Paulo	29
Figura 7 - Comemoração do Ano Novo Chinês na Liberdade, São Paulo	30
Figura 8 - Manifestantes fazem protesto contra a importação de produtos chineses em São Paulo	31
Figura 9 - Trabalhadores, dirigentes sindicais da Força Sindical e empresários ligados ao setor têxtil, fazendo protesto contra a entrada de produtos chineses	32
Figura 10 - O quadrilátero próximo à Praça Carlos Gomes forma uma espécie de “Chinatown informal” de Curitiba	34
Figura 11 - Fachada de restaurante de propriedade de um chinês, no Centro de Salvador, Bahia	35
Figura 12 - Centro Comercial Feiraguay	36
Figura 13 - Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do século XXI	38
Figura 14 - Trabalhadores montam bonecas na Jetta Industries Co. Ltda. em Guangzhou	40
Figura 15 - Chineses em 2013 na calçada de uma lojas após o horário de funcionamento	42
Figura 16 - Rua de Santana	44
Figura 17 - Rua Sete de Setembro	44
Figura 18 - Produtos chineses sendo apreendidos na operação gancho de 2017 ...	48
Figura 19 - Chineses em busca de alimento durante “A grande fome da China”	56
Figura 20 - Mapa da China	58
Figura 21 - Fotografia do Caiçara 2007	61
Figura 22 - Fotografia Caiçara 2019	62
Figura 23 - Taxa de desemprego por região	64

Figura 24 - Rendimento médio real do trabalho, por região.....	65
Figura 25 - Taxa de trabalho por conta própria.....	66
Figura 26 - Desemprego no 3º trimestre de 2019, por estado	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIT	Associação Brasileira de Indústria Têxtil
ALUMAR	Consórcio de Alumínio do Maranhão
ASEAN	Associação das Nações do Sudeste Asiático
CCCC	<i>Communications Construction Company</i>
CDC	Código de Defesa do Consumidor
CDL	Câmara Dos Diligentes Lojistas
CGPI	Coordenação-Geral de Privilégios e imunidades
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNTM	Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos
DRM	<i>Digital Rights Management</i>
EMAP	Empresa Maranhense de Administração Portuária
FECOMERCIO/MA	Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JUCEMA	Junta comercial do Estado do Maranhão
MDIC	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
MEIs	Microempreendedor Individual
OBmigra	Observatório das Migrações Internacionais
OMC	Organização Mundial do Comércio
PF	Polícia Federal
PIB	Produto interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROCON/MA	Instituto de Promoção e Defesa do Cidadão e Consumidor do Maranhão
SINCRE	Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros
SISMIGRA	Sistema Nacional de Registro Migratório
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL E REESTRUTURAÇÕES DE HEGEMONIAS: a ascensão da China no processo de financeirização	19
1.1 A China no contexto da mundialização: algumas reflexões	19
1.2 A Diáspora chinesa e seus movimentos para fora	22
CAPÍTULO II: A EXPERIÊNCIA DOS CHINESES EM SÃO LUÍS	38
2.1 O Processo Migratório e o desembarque dos chineses em São Luís	38
2.1.1 <i>O desembarque dos chineses em São Luís</i>	41
2.2 O comércio do centro de São Luís	49
CAPÍTULO III: A ANÁLISE SOCIOCULTURAL DOS IMIGRANTES CHINESES NO COMÉRCIO LUDOVISCENSE	53
3.1 Primeiros contatos com os imigrantes chineses no centro de São Luís	53
3.2 A forma de morar dos chineses em São Luís	60
3.3 Desafios nas relações de trabalho entre chineses e brasileiros	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	81
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista	82
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Aplicado ao Órgão Municipal	83

INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa a experiência dos chineses, o embarque, o desembarque e o processo de inserção socioeconômica e a própria dinâmica entre as escalas local, nacional e global. O interesse em estudar o tema surgiu a partir de observações sistemáticas da chegada de um grande contingente de imigrantes chineses que passam a se instalar na Rua Grande, principal centro de comércio de São Luís, com micro e médios empresários.

A chegada de asiáticos ao Brasil é recente, se comparada à história dessa população; entretanto, é difícil estipular quando se iniciou. Especula-se, no entanto, que o primeiro movimento migratório oriundo da China se concentrou no próprio sudeste asiático, em função da estratégia de fortalecer seus laços com o leste asiático, consiste justamente, no estabelecimento de um esquema regional que consolide o papel de Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan e dos dez países da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático). A partir dessa dinâmica, os países semiperiféricos do leste asiático, que se tornariam fornecedores de peças, componentes e bens primários depois consumidos ou finalizados na China (NOGUEIRA, 2008).

Nesta etapa da globalização, a República Popular da China, com sua economia “socialista”, conforme analisa Vêras (2008), se abriu para o mundo e passou a experimentar uma abertura para o mercado, o que contribuiu para o espraiamento da diáspora chinesa pelo mundo, primeiro em regiões do próprio leste asiático e, posteriormente, a verticalização da produção industrial com a China como a “fábrica final”. Isso estabeleceu uma “correia de transmissão” que conecta, financeiramente e comercialmente, o leste asiático à China, e esta, por sua vez, às economias centrais (Estados Unidos e União Europeia, mas também o Japão). Os chineses chegam na casa dos milhares também no Brasil.

A imigração tem motivação econômica focada no comércio, considerada por vários autores como *trade diásporas*¹ (MA, 2003). Entretanto, alguns autores argumentam que essa definição é muito limitada, tendo em vista que não consegue abranger a complexidade econômica e social da diáspora chinesa. É importante

¹ Diáspora pode ser definido como “a dispersão por duas ou mais localizações; a orientação permanente, ainda que simbólica, no sentido de um lugar originário; e a manutenção prolongada de uma fronteira do grupo, ao qual pertence voluntariamente”. (FISHER, 2014, p. 147).

sublinhar que a atual globalização tem nos movimentos migratórios uma das características mais pulsantes, e os chineses formam uma vasta comunidade de alcance mundial. A distribuição desses povos se estendeu além do sudeste asiático, a partir da metade do século XIX, e se intensificou após os anos de 1960. A busca por novos negócios impulsiona esses grupos a explorar novos mercados em âmbito global e nesse espraiamento uma grande quantidade de chineses chega à América Latina e no Brasil.

Cabe sublinhar que, no Brasil, a imigração asiática do final do século XIX e meados do século XX, diversificou as comunidades de origem estrangeira no país (SILVA, 2015). Imigrantes de origem italiana, alemã, espanhola e japonesa passaram a compor a população brasileira, e influenciando a cultura regional dos principais estados onde se fixaram. Os imigrantes de origem japonesa, também marcaram, expressivamente, a imigração asiática no Brasil.

No período entre a revolução comunista chinesa e a abertura econômica, em que a saída da China continental era restrita, a migração para o exterior ocorreu, basicamente, a partir de Hong Kong e Taiwan. Depois da abertura e viabilidade legal para migração dada pelo governo central (para qualquer pessoa que conseguisse um visto para o país de destino), os incentivos econômicos dos governos locais tiveram participação ativa na promoção da migração, principalmente nas províncias de Guangdong, Zhejiang e Fujian (SILVA, 2018).

No final do século XX, e início do século XXI, o Brasil se tornou um dos principais destinos para o imigrante chinês. Entre 2000 e 2014 foram registrados 37.417 chineses no Brasil, o que equivale a 4,6% do número de imigrantes registrados pela Polícia Federal (PF). Embora pareça pequena a participação dos imigrantes chineses, é preciso destacar que apenas Bolívia, Estados Unidos e Argentina apresentaram maior participação no total de imigrantes, com porcentagem de, respectivamente, 12%, 8,1% e 5,7% (AMORIM; OLIVEIRA; FERNANDES, 2019). De acordo com os autores, no Brasil a população chinesa também se encontra extremamente concentrada espacialmente. Do total, 80,7% residem na região sudeste do Brasil, sendo 56,6% residentes no estado de São Paulo.

Pode-se dizer que o Brasil é, atualmente, um dos países que recebe e envia migrantes, diferentemente, do passado, quando a imigração era bem mais expressiva do que a emigração (FERREIRA, 2015). Estes fluxos de entrada, saída e retorno ao país, são amplos campos para estudos interdisciplinares, visto que eles

modificam as dinâmicas sociais, territoriais e econômicas. Dentre os imigrantes asiáticos, a China se destaca no quesito de migrações internacionais e crescimento econômico nas últimas três décadas, o que acabou trazendo mudanças na vida dos chineses, embora esse crescimento seja resultado da existência de uma força de trabalho barata, disciplinada e abundante.

É importante, no entanto, considerar que as mudanças ocorridas na ordem financeira internacional do século XX, metamorfoseou as estruturas produtivas e organizacionais do capitalismo. O processo de desregulamentação e os movimentos de capitais financeiros já vinham ocorrendo desde os anos de 1960, mas se aprofundou partir de 1980, e isso foi decisivo para o rompimento da “construção sociopolítica” que havia sido construída nos pós-guerras (HOBBSAWM, 1995). A “globalização financeira”, do final do século XX, trouxe uma alteração na composição da riqueza capitalista, com o predomínio da acumulação financeira em detrimento da acumulação produtiva do capital.

Chesnais (1996) observa que, antes do processo de desregulamentação do mercado financeiro internacional, a direção financeira das grandes empresas tinha meras funções administrativas, enquanto que nas décadas mais recentes, tornaram-se cada vez mais ativas e fundamentais na determinação do *cash-flow* das empresas e nas decisões de valorizar o capital. As mudanças de procedimentos empresariais se manifestaram na forma da reestruturação produtiva e reorganização administrativa, ou seja, em ambiente de acirramento da concorrência internacional. Os novos padrões tecnológicos, como o uso da microeletrônica e das tecnologias de informação, possibilitaram o uso mais flexível da mão de obra, ao mesmo tempo em que a maior parte dos Estados Nacionais promoveu o fortalecimento do discurso e das práticas neoliberais (KAPSTEIN, 1999).

Isso fez com que houvesse uma deterioração dos mercados de trabalho através do desemprego e da proliferação de formas precárias de ocupação, como: o emprego em tempo parcial e empregos regidos por contratos de duração determinada, assim como o emprego terceirizado. Além disso, se tem o aumento do número de pessoas que detêm mais de uma ocupação como estratégia para tentar manter a renda familiar. O privilégio obtido, principalmente pelos EUA e alguns países asiáticos, com as políticas de liberalização financeira, fez diminuir as vantagens competitivas e de crescimento da Europa e da América Latina.

É bom lembrar que o privilégio obtido pelos EUA permitiu a este país financiar há quase duas décadas a expansão de seu consumo doméstico e do gasto público “[...] por meio de um vultuoso endividamento (interno e externo), amparado na posição cardeal de sua moeda nos mercados financeiros internacionais” (TAVARES; MELIN, 1997, p. 74). Como bem ressalta Mészáros (2003), os EUA preferem ser tratados como império. Segundo o autor “o imperialismo hegemônico global dominado pelos Estados Unidos é uma tentativa de se impor a todos os outros estados recalcitrantes como Estado ‘Internacional’ do sistema do capital” (MÉSZAROS, 2003, p. 6).

Também se pode destacar nessa época da globalização neoliberal o acirramento de medidas voltadas para os cortes de gastos público como parte do processo de reestruturação produtiva e de racionalização das estruturas administrativas por parte dos grandes grupos econômicos. Além disso, assiste-se a intensidade dos avanços tecnológicos e da microeletrônica nos processos industriais. Esses grupos promoveram mudanças nas estruturas produtivas das empresas e nos seus processos de trabalho, os quais agora passaram a exigir maior flexibilidade da mão de obra na execução de suas tarefas.

Conforme analisa James Petras (1999,), a crescente competitividade do capitalismo asiático nos anos de 1980, conduziram ao atual período de globalização. Dentro dessa perspectiva, pode-se entender que a China se enquadra como um país que vem ascendendo em via de desenvolvimento com uma base industrial diversificada, tendo a globalização como fórmula para exportação, tendo o Estado regulamentando e controlando a entrada e saída de capital estrangeiro, e as exportações que podem prejudicar setores econômicos novos ou recém-emergentes.

Nesse contexto, é interessante ressaltar que em 2018, as importações globais da China ascenderam a €1.807.815 milhões, sendo que as exportações de mercadorias chinesas atingiram €2.112.007 milhões, com um saldo positivo de €304.191 milhões, não incluindo nestes números as regiões administrativas especiais da China, como Macau e Hong Kong, que representam €7249 milhões de importações e €256.534 milhões de exportações no caso de Hong Kong. A expressão de Macau é bastante menor: €54 milhões em importações e €2.623 em exportações.

Estas regiões são mesmo casos especiais, pois pesam no comércio chinês de ambos os lados da sua balança comercial, e demonstram sua ascensão nesta etapa da “mundialização do capital”, expressão que segundo Chesnais (1996) que corresponde mais exatamente à substância do termo “globalização”,

que traduz capacidade estratégica de todo grande grupo oligopolista” voltado para a produção manufatureira ou para as principais atividades de serviços, de adotar, por conta própria, um enfoque ou conduta “globais”. O mesmo vale na esfera financeira para as chamadas “operações de arbitragem”. “A integração internacional dos mercados financeiros e na liberação de desregulamentação levaram à abertura dos mercados nacionais e permitiram sua interligação em tempo real” (CHESNAIS, 1996, p. 17),

Seguindo a lógica do autor isso se aplica a alguns países da Ásia, em especial a China. A diáspora chinesa significa: “[...] a dispersão por duas ou mais localizações; a orientação permanente, ainda que simbólica, no sentido de um lugar originário; e a manutenção prolongada de uma fronteira do grupo, ao qual se pertence voluntariamente” (FISHER, 2014, p. 147).

Ma (2003) ressalta que durante a última década, a migração tornou-se importante, pois vem revelando “mudanças na China que relaciona dois fenômenos: desenvolvimento de produção de bens de consumo destinados à exportação e número de pequenos empreendedores”. Hoje, os chineses formam uma vasta comunidade de alcance mundial. A diáspora chinesa ocupa lugar de destaque na ordem global das migrações, sendo a China a principal provedora de migrantes no mundo, distribuídos por mais de 150 países.

É importante registrar que essa dinâmica populacional não cessou, mas ao contrário, se intensificou, tal como os grandes movimentos populacionais na história do mundo, como o colonialismo europeu, através, principalmente, da expansão marítima. De acordo com Ferreira apud Damiani (2007), o fenômeno do povoamento não poderia ser compreendido sem as migrações. Deve ser considerado o movimento que desde migrações intercontinentais, especialmente, pelo seu volume, na emigração europeia, do final do século XIX até às primeiras décadas do século XX. A imigração internacional para o Brasil, durante o final do século XIX e meados do século XX, contribuiu desse modo, para a diversificação de comunidades de origem estrangeira no país. Imigrantes de origem italiana, alemã, espanhola e

japonesa passaram a compor a população do Brasil, e influenciaram a cultura regional dos principais estados onde se fixaram.

Amorim, Oliveira e Fernandes (2019) traçam mais especificamente o padrão histórico da migração Chinesa para a América Latina e o Caribe. Conforme os autores, há registros da chegada de chineses na América Latina desde o século XVII. Kent (2003), também afirma que as consequências desse movimento podem ser vistas até os dias de hoje, principalmente ao se observar que o contingente populacional de chineses no Peru se mantém praticamente o mesmo entre os anos 1960 e 2000. A exceção é o Brasil e Panamá, que obtiveram uma ascensão expressiva até nos anos de 2000. Em alguns países da América Latina (como a Bolívia e Argentina), houve nesse mesmo período, um crescimento menor. No Brasil se manteve o crescente potencial migratório.

Após a crise de 2008, imediatamente, o ano de 2009, foi para China e Brasil um período de prosperidade econômica e intensificação dos laços entre os dois países. Entretanto, é bom ressaltar o substancial crescimento da China nas últimas três décadas, o que transformou o país do ponto de vista da economia mundial. Conforme analisa Sukup (2002):

dado seu peso demográfico e agora também econômico e político, não há dúvida de que a China será um ator essencial no cenário mundial do século XXI. Para os demais países do mundo, e em primeiro lugar os países vizinhos, isso representa um desafio considerável de concorrência e também um fator de dinamização. Antes era o Japão, agora é cada vez mais a China que atua como locomotiva econômica regional (SUKUP, 2002, p.83).

A partir dessa nova dinâmica econômica, um grande número de chineses abriu seus próprios negócios, passam a vender seus produtos, seja dentro do seu país ou fora dele (VIEIRA, 2013). A abertura econômica desde 1979, vem ligando centros atacadistas entre China e Brasil, através de fluxos comerciais e de mobilidades migratórias. Essa mobilidade dos Chineses, para crescer, economicamente, acaba abastecendo mercados populares que envolvem uma constante circulação de pessoas, em vários estados brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro e o Maranhão.

Metodologicamente, e visando a realização dos objetivos propostos de embarque, desembarque e inserção e experiência dos imigrantes chineses no centro

comercial de São Luís, optou-se por uma metodologia de caráter qualitativo, visando a compreensão científica do contexto abordado. Assim, utilizou-se fontes secundárias, observação *in loco*, a fim de perceber, identificar e analisar a vivência e realidade do objeto de estudo, que são os imigrantes chineses.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com utilização de um roteiro previamente elaborado, e com perguntas abertas, adequadas aos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram autorizadas pelos participantes (Apêndice A) e gravadas, sendo que o tratamento desses dados foi por meio da análise do conteúdo e observações *in loco* (MANZINI, 2003). Além disso, cabe ressaltar fatores importantes que trouxeram muitas informações, como os relatos informais através de conversas com lojistas chineses, lojistas brasileiros e clientes. As entrevistas ocorreram nas lojas dos entrevistados, com o quantitativo de 5 (cinco) lojistas com endereços distintos, que ficam localizadas na Rua de Santana e Rua Sete de Setembro.

Na aplicação de questionários houve uma certa resistência por parte de alguns chineses, que preferiam falar que “não entendiam” o que estava sendo perguntado, numa tentativa de fugir dos diálogos. Porém, em contrapartida, tiveram aqueles que decidiram interagir, tentando demonstrar uma certa empatia. A visita a órgãos públicos ligados à imigração também compôs o enredo da pesquisa de campo, apesar de não ter obtido informações precisas e que contribuíssem para explicar melhor o fenômeno da imigração chinesa no município de São Luís.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos.

No primeiro, discute-se a ascensão da China no processo de financeirização, bem como sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, abrindo parcerias e acordos econômicos com os EUA, União Europeia e América Latina. Fala-se do aumento da dinâmica socioeconômica que liga centros atacadistas entre China e outros países por meio de fluxos comerciais e de mobilidades migratórias (diáspora chinesa), sendo direcionada a discussão principalmente às cidades brasileiras com grande concentração de comerciantes chineses.

No segundo capítulo aborda-se o processo de migração dos chineses em São Luís, suas principais motivações e principalmente sobre o desembarque. Relata a dinâmica do comércio no centro de São Luís, de novos empreendimentos que aproximam ainda mais o Maranhão da China, como é o caso dos portos, em

especial o novo “porto dos chineses”, que tem gerado grandes discussões, além de quais benefícios que a chegada de um porto chinês poderá trazer ao centro comercial de São Luís.

No terceiro capítulo discorre-se sobre a análise sociocultural dos imigrantes chineses no comércio ludovicense, dos primeiros contatos com os imigrantes chineses no centro de São Luís, trazendo narrativas dos empreendedores chineses (suas trajetórias até sua chegada ao comércio da cidade), e dos funcionários e lojistas brasileiros. São relatados também aspectos a respeito das moradias em São Luís, bem como suas ascensões econômicas e das relações do trabalho entre os chineses e brasileiros.

CAPÍTULO I: A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL E REESTRUTURAÇÕES DE HEGEMONIAS: a ascensão da China no processo de financeirização

1.1 A China no contexto da mundialização: algumas reflexões

Neste início do século XXI, a ascensão da China como potência econômica é, provavelmente, a principal ocorrência da economia internacional, isso tanto em decorrência das dimensões da economia, tendo em vista que é o sétimo maior exportador mundial (3,9% do total) e o oitavo importador (3,4%). Com um Produto Interno Bruto (PIB) de 1,024 trilhões de dólares (ou 853 dólares *per capita*), e 1,239 bilhões de habitantes (neste início do século XXI), a China efetivamente se transforma-se no grande mercado consumidor, tendo multiplicado a sua participação no mercado internacional em 2005 (SERRA, 2019).

A entrada na OMC em 2001, marca a sua consolidação como potência global com a consequente abertura e financeirização da sua economia dentro do espectro da nova ordem global, envolvendo parcerias e acordos econômicos não apenas com os EUA e a União Europeia, mas também com a América Latina. Por outro lado, esta ascensão vem proporcionando uma série de oportunidades aos seus vizinhos da Ásia, tanto os exportadores de alta tecnologia, a exemplo de Japão, Coreia do Sul e Taiwan, como também de *commodities*, como os países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), além das ex-repúblicas soviéticas (PIRES, 2011).

Conforme analisa Pires (2011), a China, desde o final do século XX já vinha oferecendo oportunidades para empresas de países industrializados do Ocidente, seja como parte das cadeias produtivas globais, seja como um dinâmico mercado consumidor para os bens de maior valor agregado e intensivos em tecnologia.

Apesar da compra maciça de títulos do Tesouro norte-americano, a China desempenhou o papel principal tanto no redirecionamento do superávit do Sul para destinos no próprio Sul quanto na apresentação aos países vizinhos e distantes do hemisfério Sul alternativas atraentes para o comércio, os investimentos e o auxílio dos países e das instituições financeiras do Norte (ARRIGHI, 2008, p. 386).

Thorstensen (2011) argumenta que os números acima citados demonstram o papel do comércio internacional na estratégia de crescimento econômico da China e o profundo processo de ajuste pelo qual vem passando o país. O governo chinês tomou a decisão política de reinserir o país no comércio mundial, em novembro de 2001, passando a ser um desafio para a OMC. A entrada na organização do comércio, como aponta Thorstensen (2011, p. 4):

[...] foi consequência, de um lado, da opção de seu governo em adaptar um modelo de economia de mercado, designado por economia socialista de mercado, bem como estabilizar as relações comerciais com os demais países. De outro, significou à vontade política dos membros da OMC de integrarem esse país ao seio da organização que tem por objetivo básico a liberalização do comércio por meios de negociação de regras e supervisão de sua aplicação. Em síntese, os interesses foram satisfeitos dos dois lados: a China, porque necessitava da estabilidade e da previsibilidade das regras da OMC para que suas exportações não fossem discriminadas; e os demais membros da OMC, porque necessitavam das suas regras para se protegerem da invasão de produtos chineses.

Na atual conjuntura, a rivalidade se acentua entre o EUA e a China, onde o primeiro se destaca pelo seu alto mercado consumidor e o segundo pelas novas fábricas do mundo. É importante porém ressaltar (vários estudos demonstram) os desequilíbrios da economia estadunidense, assim como endividamentos internacionais, tanto nas esferas públicas quanto privadas. Ou seja, enquanto os EUA apresentavam um conjunto de ofertas de créditos baratos e fartos, a China demonstrou-se cada vez mais forte nas áreas de energia, alimentos e matérias-primas.

Desde os anos 1970, a China começava a dar sinais de modernização com movimentações e fluxos comerciais. Isso tudo gerou um conjunto de modificações na sua própria realidade, bem como a sua entrada no cenário internacional. A entrada da China no comércio exterior se deu em etapas, como afirma Cunha (2011, p. 15):

A “abertura ao mundo exterior” deu-se em etapas. Inicialmente foram eleitas quatro regiões estratégicas para a introdução de um regime comercial e de atração de investimento direto estrangeiro, as chamadas Zonas Econômicas Especiais (ZEEs). Essas nada mais eram do que as típicas Zonas de Processamento de Exportações (ZPEs) que já se espalhavam pelas economias em desenvolvimento, particularmente na Ásia. Nas ZPEs, assim como nas congêneres

chinesas, são estabelecidas regras diferenciadas de tratamento do comércio exterior, com redução de procedimentos administrativos para a exportação e importação e, principalmente, a forte redução – no limite, eliminação – dos impostos de importação sobre insumos utilizados para a produção voltada ao mercado internacional. Adicionalmente, podem ser ofertados subsídios fiscais, na forma de tributação diferenciada, para atrair investidores estrangeiros, que além de fornecerem capitais e tecnologia, possuem canais de comercialização em escala global.

Sobre a relação entre a China e os Estados Unidos, do ponto de vista geopolítico Nogueira vai dizer que,

[...] é sob essa ótica que podemos caracterizar, do ponto de vista da geopolítica, o desenvolvimento chinês como um caso de “desenvolvimento a convite”, no qual a potência expansiva, os Estados Unidos, colabora na criação de um adversário econômico ao mesmo tempo em que se beneficia das vantagens competitivas de uma realocação das bases produtivas em direção à Ásia. Desde que o presidente norte-americano Richard Nixon visitou a China, em fevereiro de 1972, o alinhamento geopolítico do país asiático no sistema-mundo caminhou no sentido de uma “relação virtuosa” com os Estados Unidos [...] (NOGUEIRA, 2008, p. 49-50).

E isso ocorreu exatamente pela capacidade de oferecer produtos de baixo custo, em grandes quantidades. Segundo (Thorstensen, 2011), essa relação não descarta um confronto cambial direto entre ambos, o que implica na transferência para o resto do mundo desse confronto. E isso ocorre, também, porque a China, líder das exportações mundiais, decidiu manter sua moeda desvalorizada em relação ao dólar por longos períodos, para obter expressivos superávits na sua balança comercial e acumular reservas significativas, e os EUA, cuja moeda é a base do comércio mundial, acumulando expressivo déficit com a China, mas retoma o crescimento de suas exportações

Esta política justifica de alguma forma o desempenho da gigante asiática no comércio mundial na última década. Cabe mencionar que a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil em 2009, ou seja, ocupou o papel que era dos EUA. Segundo Cunha *et al.* (2011, p. 413), “[...] o gigante asiático absorveu 13,2% das exportações brasileiras e originou 12,5% das importações”, o que significou a economia brasileira mais vinculada à chinesa. As guerras cambiais podem afetar significativamente o Brasil, se houver um período muito grande de desvalorização cambial chinesa, tendo em vista que as exportações brasileiras para o mercado

chinês acabam sendo afetadas na sua competitividade, quando comparadas aos demais exportadores.

Pode-se dizer que após a crise financeira global (2008), as exportações de manufaturas chinesa tiveram um avanço considerável, o que favoreceu o deslocamento dos fornecedores brasileiros, e uma forte vinculação dos negócios entre os dois países (China e Brasil). Esse crescimento da economia chinesa abriu para o Brasil uma dimensão comercial, O maior incremento de negócios entre chineses e o Estado brasileiro, a exemplo das exportações *commodities*, foi uma fonte de suprimento para suas necessidades comerciais dos dois países.

A participação da China nessas transações financeiras e econômicas foi vital para a sua expansão como uma potência global. O seu ritmo de expansão, efetivamente, tem criado efeitos globais, tanto países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento (PEDROZO, 2009). No plano social, uma característica persistente são ainda as altas taxas de desemprego, resultado do processo de reestruturação produtiva das empresas estatais. Os altos números de demissões trouxeram a necessidade de os trabalhadores serem relocados em outros setores da economia. A partir de 2001, a China conquistava um grande avanço econômico, com a sua entrada na OMC. O crescimento do setor privado, a expansão do setor de serviços e a reforma das empresas estatais, além de programas de treinamento em massa, de fato permitiu a sua posição de destaque nas cadeias globais, embora esse processo não tenha evitado que o país enfrentasse diversos problemas sociais e econômicos.

1.2 A Diáspora chinesa e seus movimentos para fora

Deve ser ressaltado que partir da abertura econômica da China em 1979, se constituiu uma dinâmica socioeconômica que liga os seus centros atacadistas a outros países, por meio de fluxos comerciais e de mobilidades migratórias (SILVA, 2018). São quase 50 milhões de chineses distribuídos pela América, Europa, África e outros países asiáticos (MINNAERT, 2016).

Protagonizando um dos maiores grupos de diáspora do mundo, mais de 60 milhões de indivíduos dispersos por 198 países, o governo chinês refere-se a esse contingente pelo termo genérico “chineses do ultramar” (*huaqiao*), ou seja, todos aqueles que pertencem à “raça” chinesa que vivem fora da China (POSTON

JUNIOR; WONG, 2014). Apesar da atual profusão de estudos sobre a sua dinâmica econômica, a diáspora é um processo da política externa chinesa, e que permite uma melhor compreensão dos seus objetivos globais no século XXI.

Nos anos de 2000, essa diáspora ascendeu mais rapidamente, sendo a terceira maior população em diáspora no planeta, superada apenas pelas diásporas alemãs (95 milhões) e irlandesas (70 milhões). Estima-se que, se for mantida a taxa de crescimento anual de 1,2% ao ano, a China atingirá 80 milhões de pessoas nas próximas décadas (TEIXEIRA; MANDELBAUM, 2017). Os mesmos autores caracterizam a diáspora chinesa como uma “diáspora comercial”, pois se trata de uma atividade mercantil que tem sido a principal ocupação dos migrantes chineses durante a maior parte de sua história, e atua como a força motora de sua dispersão.

Além de países da Europa, os chineses têm se expandido em países da África, conforme afirma Ma (2003, p. 33):

Esse mesmo esquema de instalação é observado em Joanesburgo na África e em países vizinhos como o Botsuana, o Zimbábue, Angola e até Nigéria. Na região de Marrocos numa menor escala as mesmas funções que o da China City com algumas centenas de atacadistas que fornecem pra varejistas locais. Em Gana, no mercado de Makola em 2006 a cidade de Accra viu a abertura de um centro atacadista chinês, bem como em Camarões, onde centros comerciais por atacado foram construídos em Yaoundé e Douala ou Lomé no Togo. Em Senegal, apesar de não ter mercado atacadista, existem comerciantes chineses em um único Área de Dakar.

A diáspora chinesa, além de ocupar um lugar de destaque na atual ordem global, se caracteriza não apenas pela forte identidade cultural e conservação de laços com o país de origem, mas, também por desempenhar uma dimensão transnacional, contribuindo, ao mesmo tempo, com o crescente peso econômico e político. Para os Estados de origem, esses fatores se constituem como pontos estratégicos para responder aos novos desafios da Globalização. Um exemplo importante é o de Portugal, onde a presença da comunidade de negócios chinesa trouxe uma heterogeneidade de processos econômicos e sociais com variedade de grupos e com diferenças culturais. A sua ligação com o mercado elevou o empreendedorismo no país, o que estreitou os laços econômicos com Portugal. Assim, a diáspora chinesa deve que ser vista como um instrumento significativo e informal para Neves e Rocha-Trindade (2008), pois elas se constituem como uma

combinação de investimentos, inovações e culturas, ou seja, contribuindo principalmente para a elevação da última característica.

A diáspora chinesa, de acordo com Madrigali (2018) é relevante por dois motivos: alivia a pressão demográfica no país natal e auxilia a entrada de remessas financeiras na China, tendo em vista que muitos imigrantes ajudam financeiramente os parentes que ali ficaram. Em 2010, os imigrantes chineses enviaram de volta em torno de 50 bilhões de dólares. Além disso, os chineses que moram no exterior, em muitos casos, são bem-sucedidos no comércio, na indústria e em outros setores-chave da economia, e servem como ponte entre o governo chinês e os países onde se estabeleceram. O autor que embora os Estados Unidos tenham a maior população de origem chinesa, com cerca de 3 milhões de pessoas, o Canadá e a Austrália têm uma maior proporção de imigrantes e descendentes em sua população, aproximadamente 5%, enquanto nos Estados Unidos é um pouco superior a 1%. Nesses países, são características a formação de *Chinatowns*, enclaves étnicos chineses em grandes cidades, sendo as maiores e mais famosas as de Nova York, Los Angeles e São Francisco, conforme abaixo, na Figura 1.

Figura 1 - *Chinatown* de São Francisco



Fonte: Madrigali (2018, n. p.).

O histórico de imigração chinesa nos Estados Unidos e na Austrália remonta metade do século XIX, na época da corrida do ouro nesses dois países. Nos Estados Unidos, a população de origem chinesa popularizou, neste país, e, posteriormente, no mundo inteiro, a comida chinesa, especialmente com cadeias de *fast food* como a “China in Box” (MADRIGALI, 2018).

Já na América Latina, a população de origem chinesa também é muito grande; em ordem decrescente, no Peru, na Venezuela e no Brasil. Entre os brasileiros, a comunidade sínica representa cerca de 200 mil pessoas, muito concentrados no estado de São Paulo, onde se dedicaram especialmente às atividades comerciais, como lojas de roupas e pastelarias. Fala-se que no ano de 2012 a imigração chinesa no Brasil completou 200 anos. Conforme informações de cunho histórico, o primeiro grupo de chineses trazidos para o Brasil migrou em 1812, com ordem de D. João VI, com o destino de plantações de chá no plantio do Jardim Botânico (BI, 2014).

MA (2003, p. 33) argumenta que alguns chineses “emigraram e distribuíram a produção da oficina do mundo do que se tornou a China (vestuário, têxtil, bicicletas, motocicletas, ferramentas, produtos, eletrodomésticos, eletrônicos, computador etc.)”.

Cabe ressaltar que num primeiro momento, a migração chinesa para o Brasil não foi expressiva, do ponto de vista demográfico. Contudo, à medida que o fluxo migratório chinês foi se intensificando, o Brasil foi despontando como destino para muitos imigrantes que buscavam no país novas oportunidades de negócios, o que causou mudanças nos contornos da diáspora chinesa dentro do território brasileiro (MINNAERT, 2016).

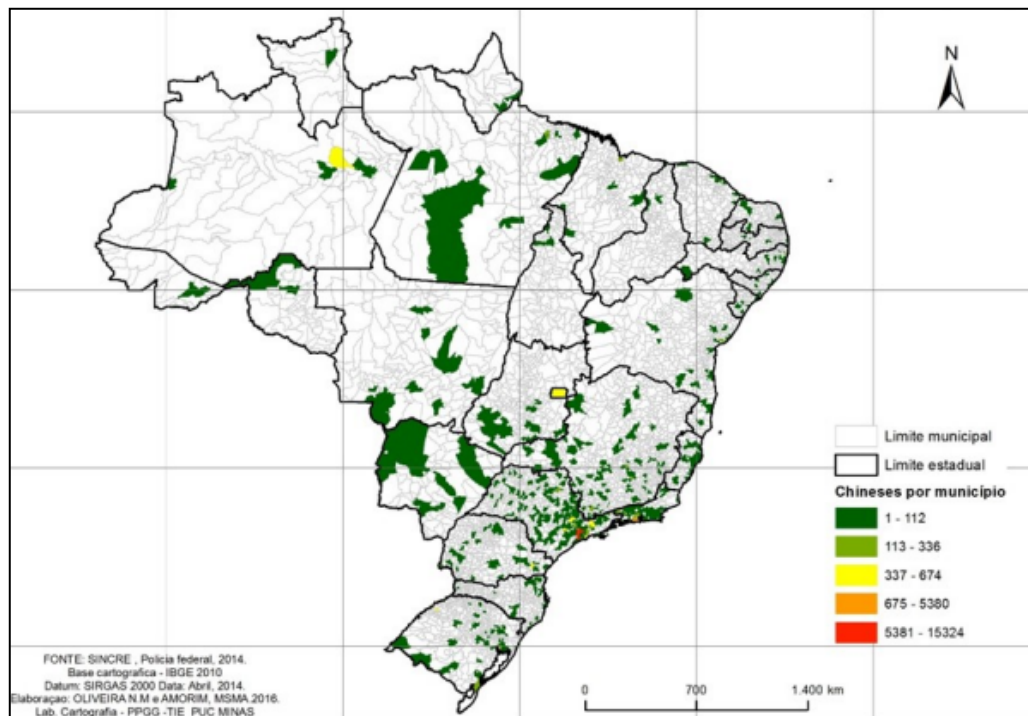
Figura 2 - Ciclos da migração chinesa para o Brasil

Períodos	Origens	Ano e estimativa
1812-1900	Guangdong - Macau	1812 – 1.410 pessoas
		1881 – 2.000 pessoas
1910-1949	Zhejiang (Qingtian)	1931 – 820 pessoas
		1949 – 1.000 pessoas
		1959 – 6.748 pessoas
1950-1979	Taiwan e países do sudoeste asiático	1967 – 17.490 pessoas
		1972 – 40.000 pessoas
		1984 – 70.000 pessoas
1980-2016	Guangdong, Zhejiang, Fujian, Shanghai, Jiangsu, Shandong, Anhui, Shanghai, Jiangxi	1988 – 100.000 pessoas
		1999 – 130.000 pessoas
		2012 – 250.000 pessoas*

Fonte: Silva (2018, p. 6).

Vale ressaltar que, o “ano e a estimativa” referente a 2012, na Figura 2, é baseado em estimativa da Associação Chinesa do Brasil. Desse modo, o imigrante chinês ocupa uma representativa parcela no Brasil, como traz Amorim (2016), entre 2000 e 2014, conforme Figura 3, abaixo

Figura 3 - Municípios de residência dos imigrantes chineses registrados entre 2000-2014



Fonte: Amorim (2016, p. 189).

Além disso, como traz Amorim (2016, p. 189):

SINCRE (2014) verificou-se que a maioria é composta por homens, 62,4% do total, em contraponto com 37,6% de mulheres. Além disso, 54% dos chineses são casados; 43,7% são solteiros; 0,5% viúvos; 0,1% separados e encontram-se em outras situações 1,3%.

No Brasil, São Paulo permanece sendo o estado que mais recebe imigrantes, ou seja, a principal preferência dos chineses. Apesar de começar a se deslocar para outros estados brasileiros, a população chinesa tem uma concentração de 90% na capital paulista (VÉRAS, 2008). A imprecisão sobre o quantitativo de imigrantes chineses no Brasil decorre da enorme falta de

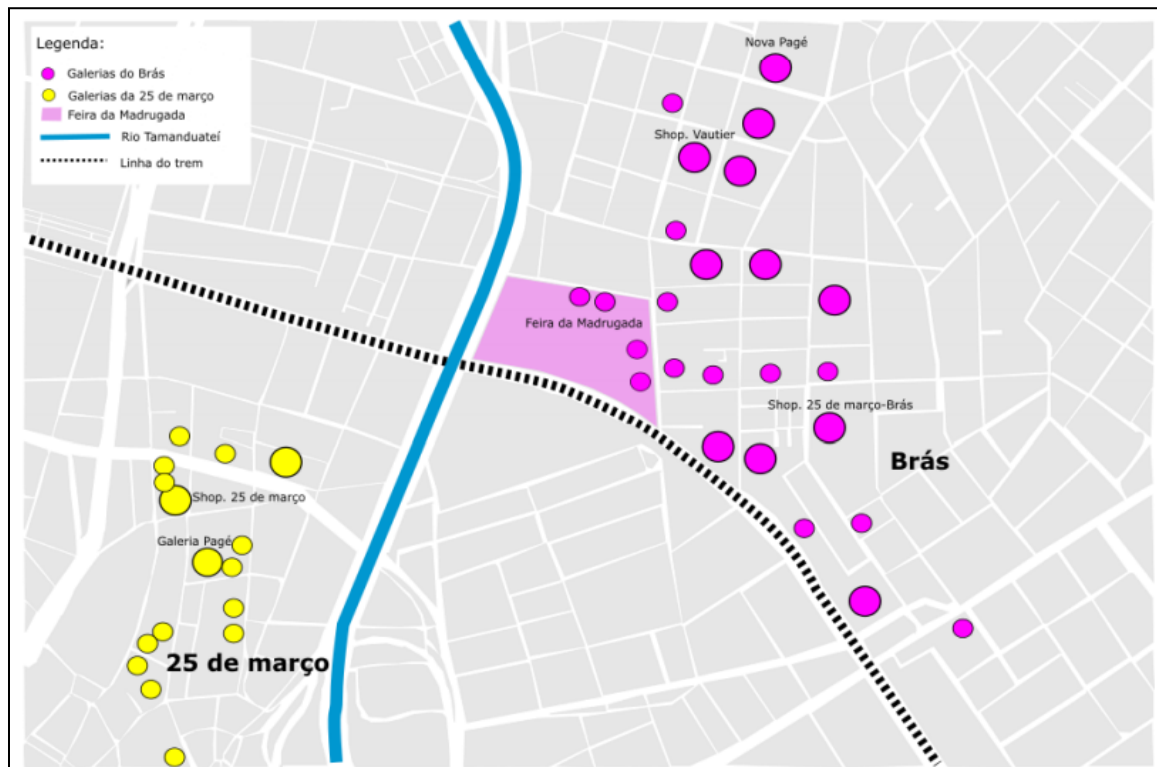
documentos que registrem a adoção de outras nacionalidades nesse processo migratório (VÉRAS, 2008).

Os mais antigos e os recém-chegados já compartilham de espaços, como:

Em São Paulo, novos e antigos imigrantes chineses se reúnem em alguns espaços de sociabilidade. O Centro Social Chinês do Brasil, a Missão Católica Chinesa, a Igreja Cristã Chinesa no Brasil e vários templos budistas são exemplos da dimensão e da diversidade que a colônia chinesa em São Paulo possui (GOES, 2014, p. 40).

As galerias que se multiplicaram são conhecidas como “mini *shoppings*” ou “*shopping* popular”, e são divididos em box. Estes boxes são sublocados para muitos comerciantes que investem menos do que o valor do aluguel de uma loja tradicional, mas muito mais pelo custo de cada metro quadrado. A lógica de subdivisão de espaço é uma das razões para valorização do valor do aluguel do metro quadrado da região em São Paulo, principalmente na 25 de março e Brás. Aluguel, inclusive, que chega a ser mais caro do que em espaços de comércio em locais de luxo na cidade. As galerias comerciais podem ser observadas na Figura 4, a seguir.

Figura 4 - Galerias comerciais da 25 de Março e do Brás



Fonte: Silva (2018, p. 228).

A galeria mais famosa é a Galeria Pagé, que funciona desde o início da década de 1960, em um prédio de duas torres, sendo uma ocupada por escritórios e a outra por 8 (oito) andares de lojas. A princípio, eram lojas padrão e só posteriormente foram subdivididas em vários pontos de comércio. Nos anos 1990, surgiram outras galerias grandes como o Shopping 25 de Março e o Shopping Mundo Oriental, mas foi no correr dos anos 2000 que esse modelo de comércio se alastrou para outros centros de comércio, principalmente no Brás e na Santa Ifigênia, mas também na Avenida Paulista, Liberdade, Largo 13, entre outras áreas importantes de comércio na cidade. No Brás, as galerias proliferaram a partir dos anos 2000, sendo o Shopping 25 de Março-Brás um dos pioneiros, marcando a expansão de um circuito comercial mais típico da região da Rua 25 de Março, em direção ao polo das confecções (SILVA, 2018).

Figura 5 - Chineses ocupam galerias de comerciantes tradicionais da rua 25 de Março, São Paulo



Fonte: Comerciantes tradicionais deixam a Rua 25 de Março (2012, n. p.).

Figura 6 - Restaurante Chinês na rua 25 de Março, São Paulo



Fonte: Comerciantes tradicionais deixam a Rua 25 de Março (2012, n. p.).

Os tradicionais bairros de São Paulo, receptores de imigrantes chineses, são o de Bom Retiro, Aclimação, Pinheiros, Liberdade e o Centro, onde os chineses buscam mais oportunidades de trabalho. No Rio de Janeiro os chineses podem se associar em torno da Associação Chinesa do Rio de Janeiro (ligada ao governo de Pequim), e ao Centro Social Chinês do Rio de Janeiro (ligada ao governo de Taiwan). Contudo, apesar dos conflitos que afligem os dois governos nessa região da Ásia, aqui no Brasil, por estarem longe da China, eles conseguem diminuir essa divergência e prezar pelo sentimento de solidariedade e ajuda mútua (CHANG-SHENG, 2009).

Uma das grandes razões do rápido crescimento de imigrantes no Brasil desde o século XIX, foi o aumento da economia cafeeira, que ocasionou capital para subsidiar a imigração chinesa, além de outros desdobramentos (industrialização e urbanização), fatores associados a relevantes reformas institucionais e políticas, como a abolição da escravatura, questões que desencadearam condições fundamentais para a imigração em grande escala.

Logo, a presença dos imigrantes chineses já é tanta em capitais do Brasil que em São Paulo, por exemplo, há a comemoração do Ano Novo Chinês nas ruas, conforme evidencia a Figura 7, abaixo.

Figura 7 - Comemoração do Ano Novo Chinês na Liberdade, São Paulo



Fonte: Yokota (2014, n. p.).

Apesar dos chineses já estarem estabelecidos há décadas no comércio formal e informal brasileiro, eles continuam gerando incômodo para os comerciantes locais, o que acaba gerando conflitos por conta das vendas de produtos importados.

Em 2013, trabalhadores da indústria têxtil brasileira se manifestaram em frente à porta da feira Chinesa de São Paulo contra a importação de produtos do país asiático, que segundo o setor, contribuíram para perda de milhares de empregos no Brasil. Os manifestantes representaram diferentes associações e sindicatos do setor, onde argumentavam que nos últimos anos ocorreu um “aumento indiscriminado” de importações, principalmente provenientes da China e Índia, assim como um aumento do número de demissões provocadas pelo fechamento de fábricas (SEGURA, 2013).

Desde o início do ano de 2013, foram destruídos no setor têxtil do país 55 mil empregos. Segundo um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “Estamos lançando um grito de alerta para sociedade e o Governo brasileiro já que a indústria têxtil do país, a quarta maior do mundo, está sendo atacada violentamente pelos produtos importados da Ásia”, apontou à Agência EFE

Fernando Pimentel, um dos porta-vozes da Associação Brasileira de Indústria Têxtil (ABIT) na manifestação (SEGURA, 2013, n. p.).

Figura 8 - Manifestantes fazem protesto contra a importação de produtos chineses em São Paulo



Fonte: Trabalhadores do Setor Têxtil... (2013, n. p.).

Os manifestantes utilizaram cartazes de “Fora China”, e centenas de pessoas se concentraram diante da Feira Chinesa de São Paulo, na qual desembarcaram cerca de 500 produtores e comerciantes chineses para promover seus produtos no país. O presidente da ABIT, Consoada Diniz Filho, relatou:

Que a muito tempo que o cenário deixou de ser de competitividade entre as empresas para ser de competitividade entre países. Além de combater as exportações desleais, o Brasil ainda precisa urgentemente voltar a ser competitiva para não se desindustrializar (SEGURA, 2013, n. p.).

De acordo com o setor, nos primeiros meses de 2013, as exportações cresceram 8,2% com relação ao mesmo período de 2012, enquanto na última década o valor de produtos têxteis passou de US\$ 110 milhões para US\$ 2,1 bilhões (SEGURA, 2013). O sindicalista Paulo Pereira da Silva, no site Exame.com, diz que: “Não podemos permitir uma invasão desenfreada de produtos estrangeiros no país, que representa uma ruptura das indústrias e a perda de milhares de empregos”. (TRABALHADORES DO SETOR TÊXTIL..., 2013, n. p.).

Já outros grupos de trabalhadores, dirigentes sindicais da Força Sindical e empresários brasileiros ligados ao setor têxtil, fizeram protesto na entrada do Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo. O manifesto era contra a entrada desenfreada de produtos chineses, o que tem causado desemprego e prejuízos à produção têxtil nacional. O local escolhido também é palco da feira GoTex Show², promovida para incentivar a importação de produtos chineses em vários segmentos têxteis (SEGURA, 2013).

Figura 9 - Trabalhadores, dirigentes sindicais da Força Sindical e empresários ligados ao setor têxtil, fazendo protesto contra a entrada de produtos chineses



Fonte: Segura (2013, n. p.).

Segundo dados do IBGE, de janeiro a setembro de 2013 o setor têxtil e de vestuário brasileiro já demitiu aproximadamente 55 mil trabalhadores, sendo 10.422

² "GOTEX SHOW: atua como uma *global sourcing*, possibilitando aos visitantes encontrar produtos de qualidade, inovação, design e serviços, os recursos necessários para empresas tornarem-se globalmente competitivas. A feira ocorre anualmente e contribui para que lojistas, confecções, indústrias e profissionais autônomos encontrem novos fornecedores, ampliem seus mercados e exportações e, também, importem produtos diferenciados com qualidade e tecnologia do mercado internacional. É um encontro da indústria, do comércio e da moda. A GOTEX SHOW teve sua primeira edição realizada em outubro de 2013, na capital paulista, Brasil, superou as expectativas reunindo 340 expositores e mais de cinco mil visitantes. No ano de 2014, com cerca de 160 expositores, a feira consolidou sua proposta de plataforma internacional de negócios ao alavancar negócios, em ambiente que promove cooperação comercial entre empresas e traz investimentos para a cadeia produtiva têxtil brasileira". (GOTEXSHOW, 2017, n. p.).

demissões no setor têxtil e 44.579 demissões no vestuário (SEGURA, 2013). Todas essas mudanças ocorridas no setor têxtil, ocasionada pela entrada de mercadorias de chineses, só demonstra as mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho.

Para Antunes (1995, p. 35):

O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada.

Miguel Torres, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM), e vice-presidente da Força Sindical, ajudou na organização do protesto e na expressiva presença de dirigentes metalúrgicos em apoio aos companheiros têxteis. Ele propôs uma manifestação em frente ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em Brasília, contra a desindustrialização que atinge várias categorias. “O governo tem facilitado cada vez mais a desindustrialização. Sem a indústria nacional, não teremos empregos de qualidade, e esta feira tem mais de 600 expositores dizendo como se importa produtos da China”. (SEGURA, 2013, n. p.).

Mesmo com as manifestações dos brasileiros em grandes centros, como por exemplo o estado de São Paulo, os imigrantes chineses permaneceram se espalhando por todo o Brasil. Devido à grande intensidade de chineses no Sudeste brasileiro, os imigrantes começaram a buscar outras rotas migratórias, visando a possibilidade de negócios maiores. E foi nesse momento que o Nordeste começou a fazer parte da rota dos chineses (MINNAERT, 2016). No estado do Paraná já existe uma parcela de imigrantes chineses significativa. Se especula que o movimento teve início na década de 1920 com a chegada de alguns chineses, mas na década de 1990 muitos um fluxo de imigrantes chineses de Hong Kong e Taiwan vieram para trabalhar no ramo do comércio, e em Curitiba esse número é expressivo, chegando a 3 mil chineses (CHEN, 2010).

Em Curitiba, apesar de não ter nada oficial por parte da Prefeitura ou da Câmara de Vereadores, pelo menos cinco ruas do Centro da cidade formam uma espécie de “Chinatown informal”. Em Curitiba, as ruas Pedro Ivo, Dr. Muricy,

Voluntários da Pátria, André de Barros e Desembargador Westphalen abrigam os comerciantes chineses que desenvolvem diversas atividades, desde lanchonetes a lojas de roupas e brinquedos importados do outro lado do mundo. Cada rua da “Chinatown informal” tem comércios com características próprias de onde estão instalados, como na Pedro Ivo, os brinquedos, semijoias, bijuterias e artefatos dos mais diversos estão à venda na Casa China e na LH Bijoux. Já na Voluntários da Pátria e na Desembargador Westphalen, as lanchonetes se revezam com as lojas de roupas, como a pastelaria Guang Wen e a varejista Lemonade (GRANDI, 2018).

Figura 10 - O quadrilátero próximo à Praça Carlos Gomes forma uma espécie de “Chinatown informal” de Curitiba



Fonte: Grandi (2018, n. p.).

No Nordeste brasileiro, timidamente começam a aumentar o número de imigrantes chineses. Devido ao grande número de imigrantes que já ocupam os grandes centros comerciais do Sudeste, alguns têm sido atraídos pelas oportunidades de investimentos no Nordeste. Com a concorrência nos grandes

centros urbanos, alguns estados do Nordeste começaram a ser alvo do comércio dos chineses.

Nesta área ainda se tem poucos documentos e trabalhos disponíveis para consulta, tendo em vista ser um fenômeno recente no Nordeste.

Goes (2014, p. 41) ressalta que:

O fato de o nordeste se inserir no quadro geral de crescimento econômico do Brasil coloca a região na rota das migrações internacionais, restritas antes às regiões sul e sudeste. Isto tem relação com um fenômeno mais amplo: a mobilidade do capital que permite a migração de postos de trabalho, investimentos e conseqüentemente das pessoas (GOES, 2014, p. 41).

Alguns estados do Nordeste, como Pernambuco e Bahia, têm a imigração chinesa mais resistente do que outros estados. Chamados de “segunda geração”, este grupos têm ocupado cargos públicos importantes, diferente dos chineses de “primeira geração”, esses últimos permanecem se inserindo no mercado “para vender produtos importados, restaurantes e pastelarias”. (GOES, 2014, p. 42).

Atualmente, dois tipos de negócios são predominantes na comunidade chinesa: as lojas de produtos importados, geralmente artigos femininos, e estabelecimentos na área de alimentos, como restaurantes de comida a quilo e lanchonetes, como se pode ver na Figura 11, a seguir.

Figura 11 - Fachada de restaurante de propriedade de um chinês, no Centro de Salvador, Bahia



Fonte: Minnaert (2016, n. p.).

Em Feira de Santana, onde os imigrantes dominam o mercado local com produtos hoje vindos diretamente da China, a associação dos ambulantes tem tentado de alguma forma barrar a entrada de novos chineses. O diretor da associação de vendedores ambulantes do Feiraguay (*Shopping popular*), Roque Junior, considera que o aumento do número de chineses na cidade de Feira de Santana tem contribuído para aumentar a instabilidade financeira dos comerciantes locais.

Figura 12 - Centro Comercial Feiraguay



Fonte: José (2018, n. p.).

Sobre a atual situação do comércio da Feira de Santana, Roque Junior, relata:

Todos sabem da situação econômica que está o comércio de Feira de Santana. Isso é devido também a invasão de chineses que chegaram à cidade e se instalaram em diversos ramos. O chinês é dono de restaurante, pontos de vendas de óculos, tênis, roupa, eletroeletrônico. Vendo a situação de queda nas vendas de alguns comerciantes que já trabalham há mais de 20 anos e que são pioneiras no Feiraguay, tomamos a atitude de coibir a entrada de novos chineses no entreposto comercial (L12 NOTÍCIAS, 2016, n. p.).

Com a situação ficando a cada dia mais complicada no centro comercial da Feira de Santana, o comerciante local, na maioria das vezes, não consegue manter

seu negócio, o que acaba abrindo espaço para que os chineses assumam os pontos comerciais. Segundo Roque Junior, a forma como é feito o comércio pelos chineses levanta dúvidas quanto ao cumprimento das leis brasileiras. O diretor da Associação de Vendedores Ambulantes assim relata:

A gente não sabe se eles estão ilegais no Brasil, mas é muito suspeita a forma de trabalhar e os preços praticados por eles. O relacionamento dos chineses com seus funcionários não é legais, dentro do amparo da lei, pois os funcionários não são legais, dentro do amparo da lei, pois os funcionários não recebem os direitos trabalhistas. Já tentamos conversar com eles, mas eles são irredutíveis (L12 NOTÍCIAS, 2016, n. p.).

Em Feira de Santana, outras cidades têm sido alvo de migrações chinesa com intuito de expandir seus negócios; porém, cada cidade tem características distintas para tratar a situação. Aracaju, com 63 chineses registrados (segundo estatísticas da Polícia Federal realizada em 2012). Em Sergipe se encontra dois tipos de “inserção destes imigrantes: as lojas de produtos importados e os restaurantes de pastelarias”. (GOES, 2014).

O fato de alguns imigrantes estarem de forma ilegal ou sem registro, acaba interferindo na contabilização, localização e informações importantes sobre os chineses (GOES, 2014). Esse mesmo cenário em várias cidades do Nordeste, tem se repetido no centro comercial de São Luís do Maranhão, porém, com particularidades da localidade.

O crescimento da migração chinesa no Brasil acompanha o próprio avanço das relações socioeconômicas com a China. Assim, São Luís vai se tornando o lar e espaço de acolhimento para a população imigrante que se encontra na cidade. Aqui, eles constituem famílias, se estabilizam economicamente e aprendem a viver novamente. Sobre isso trataremos no próximo capítulo.

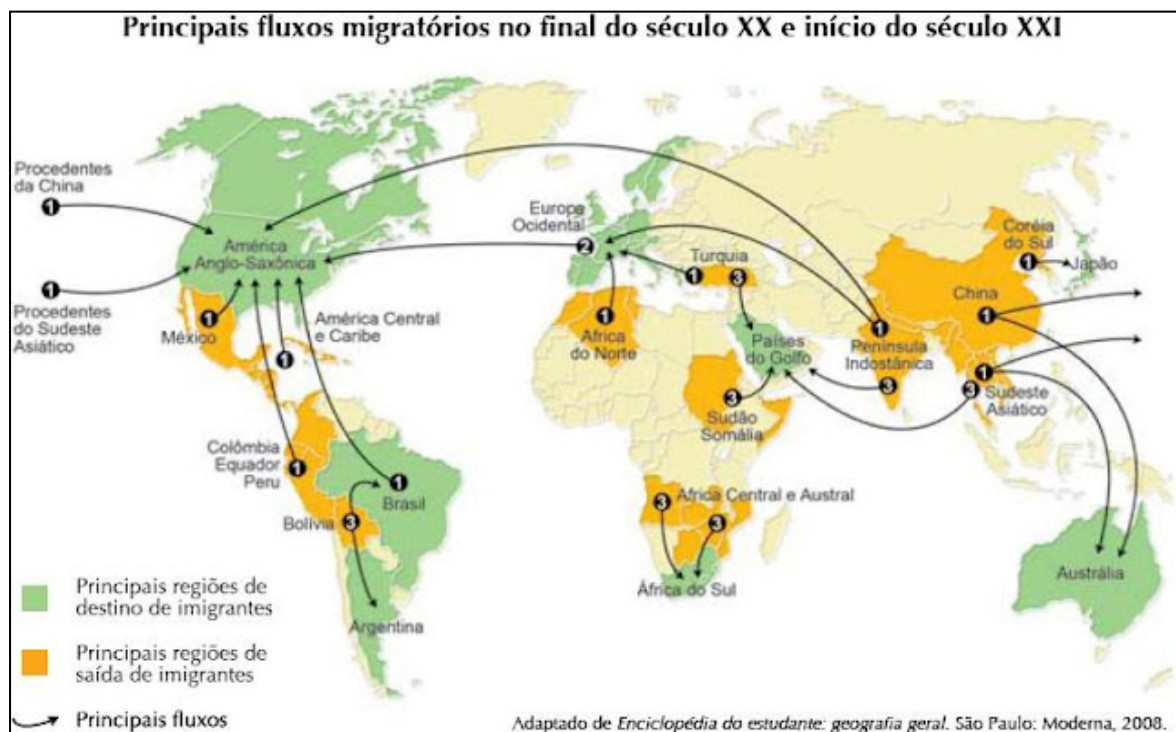
CAPÍTULO II: A EXPERIÊNCIA DOS CHINESES EM SÃO LUÍS

2.1 O Processo Migratório e o desembarque dos chineses em São Luís

Os movimentos migratórios ocorrem dentro do próprio país ou fluxos para fora, podendo ter caráter definitivo e/ou temporário. Também ocorrem de forma voluntária ou involuntária. No caso da China esse processo internamente começou com a industrialização. A China começou a se industrializar rapidamente a partir de 1978. Esses processos, porém, se complexificaram e no século XXI, eles têm sido impulsionados pelas crises capitalistas.

Conforme a imagem a seguir, pode-se observar que o maior fluxo de emigrações é do continente Asiático.

Figura 13 - Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do século XXI



Fonte: Maldanis (2012, p. 1).

O continente asiático, nas últimas décadas, tem sido um dos mais migratórios, e mais de 50% da população mundial vive hoje na Ásia, e esta alta porcentagem deixa prever a amplitude do fenômeno nesta região. Com efeito, já em 1990, a Ásia contava com o maior número de migrantes internacionais, com cerca de 49,8 milhões de pessoas (AS MIGRAÇÕES NA ÁSIA, 2007). É importante ressaltar que as migrações têm distintas motivações, e na Ásia chama atenção para

as migrações com intuito de ser mão de obra em países industrializados, como é o caso da Indonésia e Filipinas; e com a finalidade de expansão econômica em outros continentes da Europa e América Latina, como é o caso dos Tigres Asiáticos.

A “diáspora chinesa”, como denominam alguns autores, teve seu início massivo em meados do século XIX, primeiro com a contratação subsidiada de trabalhadores agrícolas chamados de *colliés*, e depois com a migração voluntária.

De acordo com Mung (2009, p. 33):

As migrações chinesas contemporâneas fazem parte de um processo migratório que começou há vários séculos, mas é na metade do século XIX que se tornam massivas. A colonização do sudeste da Ásia por Holanda, Grã-Bretanha, França, e o desenvolvimento da economia de plantação da América Latina, caribe, ilhas Mascarene, Polinésia e a construção de “novos países” (América do Norte e América Latina e Austrália) após abolição escravatura fizeram de muitos chineses parte-de-mão de obra, principalmente trabalhadores agrícolas desempregados, camponeses arruinados pela profunda crise econômica e social causada pelas guerras do opio e à revolta de Taiping. No início do século XX, entre oito e dez milhões de chineses se estabeleceram no exterior, e durante as décadas seguintes, as migrações partem da China, mas também é importante enfatizar isso entre os diferentes países de instalação no Sudeste Asiático, na América do Norte, Estados Unidos, Austrália, México e Cuba, Cingapura, África do Sul e outros.

A saída dos imigrantes chineses de suas localidades por vezes foi para dar início a diversas organizações econômicas no exterior, na condição de trabalhadores em oficinas têxteis, banqueiros do Sul da Ásia, camponeses das florestas tropicais, vendedores ambulantes ou comerciantes ricos, pequenos comerciantes e restauradores, e pequenos chefes de confecção (MUNG, 2009). Entretanto, é “diáspora empresarial” que tem marcado as migrações contemporâneas, pessoas que vêm suprimindo as demandas por mão de obra das empresas de migrantes predecessores e fazendo encorajar novos fluxos (MUNG, 2009).

Figura 14 - Trabalhadores montam bonecas na Jetta Industries Co. Ltda. em Guangzhou



Fonte: Pesquisa Independente... (2013, n. p.).

As agitações políticas foram uma das principais causas de migrações dos chineses. Piza (2012) chama atenção para o fato de que o fim do Império em 1911 e a ocupação japonesa entre 1937-1945 ocasionaram a participação direta da China na Segunda Guerra Mundial, além da Guerra Civil (que opuseram comunistas e nacionalistas), resultando na emigração de vários chineses do país. O maoísmo³, por outro lado, gerou políticas restritivas à migração e dificultou a saída dos chineses (PIZA, 2012).

Com a globalização em seu ápice, as migrações têm ocorrido de forma acelerada. O Brasil é um país hospitaleiro para variados grupos étnicos, particularmente, nas últimas décadas, e dentro desse novo contexto os imigrantes

³ “O maoísmo representa, na história do marxismo, a mais original e rigorosa interpretação de Marx, aquela que soube capturar as determinações profundas de O capital, identificando o caráter anti-econômico, anti-teleológico e anti-juridicista (anti-humanista) que nele se encontrava em estado prático. Nesse sentido, ele é um corpus que compreende, além da obra de Mao Tsé-tung, as contribuições do núcleo dirigente da revolução cultural, notadamente, de Zhang Chunqiao e Yao Wenyan, assim como de maoístas ocidentais como Charles Bettelheim, Bernard Fabrègues (Bernard Chavance) e Alain Badiou, e daqueles que foram, em grau e medida variados, influenciados pelo pensamento de Mao, como Louis Althusser, Gianfranco La Grassa e Maria Turchetto. Mas o maoísmo também pode ser identificado, seja com uma nova prática revolucionária, que põe a luta de classes no “posto de comando”, seja com uma nova concepção da transição, que se apoia na tese de que a luta de classes prossegue no socialismo e que localiza na revolucionarização das relações de produção o núcleo fundamental objeto do comunismo, e de que a revolução cultural é a expressão mais elevada”. (NAVES, 2015, p. 8).

chineses começaram a se estabelecer nos centros comerciais de alguns estados, após perceberem a gama de oportunidades que surgia.

2.1.1 O desembarque dos chineses em São Luís

Os chineses começaram a chegar no centro comercial de São Luís há décadas, mas, nos últimos oito anos, houve um aumento considerável de imigrantes chineses, que vieram para fixar residência e trabalhar no mais antigo centro comercial de São Luís (MIGRANTES ASIÁTICOS..., 2013).

Em 2013, a Superintendência Regional da Polícia Federal do Maranhão havia registrado dados que mostravam que o grupo de estrangeiros que mais cresceu em São Luís nos últimos anos foi o de asiáticos. “Vindos de países como a China, Japão, Coreia do Sul e Filipinas, principalmente, eles representam 15% do total, chegando a mais de 300 pessoas”. A maioria se instalou na Rua Grande, onde atuavam no comércio informal. Os indícios mostram que nesse momento surgiu a falácia de todos os chineses serem coreanos (MIGRANTES ASIÁTICOS..., 2013, n. p.).

No começo, esses imigrantes se estabeleciam nas calçadas, onde expunham seus produtos em cima de lonas nas frentes das lojas, após as 18h30, que normalmente era o horário em que os lojistas Maranhenses fechavam seus estabelecimentos. Com seus produtos variados e preços acessíveis, conseguiam clientes com facilidade, gerando uma margem de lucro alta, já que não precisavam manter uma infraestrutura e pagar os impostos que são cobrados aos lojistas pelos órgãos fiscalizadores (MIGRANTES ASIÁTICOS..., 2013).

A imagem a seguir mostra os imigrantes chineses logo no início do seu comércio, onde a maioria trabalhava na informalidade.

Figura 15 - Chineses em 2013 na calçada de uma lojas após o horário de funcionamento



Fonte: Grupo de Estrangeiros... (2013, n. p.).

Os seus produtos provenientes diretamente do Sul da China começavam a mudar alguns aspectos do comércio maranhense. Outrora, o comércio estava diretamente ligado às compras de mercadorias oriundas do Paraguai, e com a entrada de um novo país exportador, abriram-se portas para um investimento bem mais lucrativo do que o existente (PIZA, 2012). Sobre isso, Piza (2012, p. 82) explica que:

O papel desempenhado por esses poucos migrantes estabelecidos ou seus descendentes caracteriza-se pela importação de produtos diretamente da costa sudeste da China e pela abertura das principais galerias de comércio, permitindo uma amplificada circulação de produtos e migrantes chineses na região. Tais atividades consolidaram uma mudança no dispositivo comercial em questão: a transformação do modo de abastecimento e venda dos produtos pela substituição parcial do circuito paraguaio de sacoleiros para a importação direta, que avoluma contêineres oriundos da região industrial chinesa, e pela prominência da galeria como modalidade de venda varejista e atacadista.

Com isso, os asiáticos começaram a ganhar grande destaque por se multiplicarem rapidamente. Agora, passavam a não ocupar somente as calçadas, mas inúmeras lojas no centro de São Luís.

Segundo a Superintendência Regional da Polícia Federal do Maranhão:

A partir das 18h30, coreanos, chineses e outros asiáticos se misturam com o fluxo intenso de pessoas que saem das lojas no Centro e transitam pela Rua Grande e transversais. Divididos em duplas ou trios, eles organizam rapidamente suas mercadorias em lonas espalhadas pelas calçadas e, em menos de uma hora, conseguem fechar negócios rápidos e lucrativos para os vendedores e compradores - as conhecidas “pechinchas”. Muitos têm lojas em ruas como a de Santana (IMIGRANTES ASIÁTICOS..., 2013, n. p.).

Fenômeno semelhante aconteceu em 2009, em São Paulo, quando vários chineses começaram a ocupar as calçadas das lojas da 25 de março para venderem seus produtos. Aponta Piza (2012, p. 96) que:

Houve um episódio singular e intrigante, por cerca de dois meses no ano de 2009: uma grande quantidade de ambulantes chineses tomou repentinamente o espaço das calçadas, e também subitamente “desapareceu”, para vender um tipo de carteiras femininas carregadas em malas de viagens (em vez de nas “mesas” feitas de caixa de papelão empilhadas, mais recorrentes, ou no pano estendido sobre o chão). Parecia ser uma forma de “emprego disfarçado”: talvez uma tática de venda dos distribuidores para utilizar uma mão-de-obra que apenas temporariamente se disponibilizou a fazer esse serviço.

Com o aumento de denúncias por parte dos lojistas maranhenses, os órgãos fiscalizadores começaram a confiscar os produtos desses imigrantes que não tinham notas fiscais, forçando-os a buscarem a formalização do seu negócio, “pois o fato de ser lojista dar entender que a situação do chinês é regularizada”. (PIZA, 2012, p. 96). Sendo assim, eles começaram a alugar imóveis nas principais ruas do centro de São Luís, como a Rua Sete de Setembro e Rua de Santana, conforme as Figuras 1 e 2, a seguir, saindo das calçadas informais e indo para lojas formalizadas.

O comércio dos imigrantes teve início, primeiramente, na Rua Sete de Setembro” (S.T. ENTREVISTA, 2019) que fica localizada em uma transversal que vai da Rua dos Afogados, passando pela Rua da Paz, Rua Grande, Rua de Santana, Rua Reg. Braúlio, e tem seu término na Rua Jacinto Maia próximo ao Mercado Central de São Luís, onde hoje funciona KI lojas de imigrantes asiáticos. Depois se estendeu para Rua de Santana, sendo a segunda maior rua do comércio com grande concentração de imigrantes, seguido depois da Rua do Sol e Rua da Paz (S.T. ENTREVISTA, 2019).

Devido à dificuldade em encontrar nos órgãos públicos dados referentes ao quantitativo de lojistas chineses na Rua Sete de Setembro e Rua de Santana, realizou-se uma coleta de dados para uso da pesquisa, onde foi contabilizado que

dos 106 estabelecimentos comerciais em funcionamento na Rua Sete de Setembro, 35 são de chineses, e dos 114 estabelecimentos comerciais em funcionamento na Rua de Santana, 37 são de chineses.

Figura 16 - Rua de Santana



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Figura 17 - Rua Sete de Setembro



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Vale sublinhar que os imigrantes asiáticos não se deslocam de seus países de origem com suas famílias em busca de trabalho para serem mão de obra, mas sim, empreendedores⁴. Esclarecendo, que o termo “empreendedorismo” aqui citado se refere àquele que empreende, além de ser capaz de detectar oportunidades rentáveis, também busca informações e conhecimentos, pois entende que esse é o caminho para o êxito do seu negócio (BRITO, 2013).

Para Carvalho (1996, p. 79-82):

[...] os empreendedores são indivíduos que têm a capacidade de criar algo novo, assumindo responsabilidades em função de um sonho, o de obter sucesso em seu negócio, estas pessoas são ousadas, aprendem com os erros e encaram seu negócio como um desafio a ser superado; têm facilidade para resolverem problemas que podem influenciar em seu empreendimento, e mais, identificam oportunidades que possibilitam melhores resultados; são pessoas incansáveis na procura de informações interessadas em melhorias para o seu setor ou ramo de atividade, elevando ao máximo sua gestão.

Piza (2012), em sua pesquisa sobre a 25 de março em São Paulo, explica que “os projetos pessoais de deslocamento não incluem a intenção de se somar aos comerciantes do centro, e sim, timidamente, abrir pequenas vendas de bairro, pastelarias e lanchonetes pelos cantos da cidade”, o que se aplica intencionalmente aos imigrantes chineses no centro comercial de São Luís

Para conseguir locar imóveis nessas regiões citadas, seria necessário ter lojas disponíveis, o que facilmente começou a ser resolvido devido ao grande número de lojistas locais fechando as portas. Inúmeros lojistas brasileiros começaram a fechar seus negócios pela situação financeira em que se encontravam, tendo como melhor opção alugar para os imigrantes, conforme afirma em relato a Senhora S.A., gerente da distribuidora Nova Aliança, e antiga gerente do armazém São Paulo, que ficava localizado na rua Sete de Setembro:

O que circulou no entorno, era uma concorrência desleal, porque nós não temos poder aquisitivo, nós corremos atrás do barato. A gente não quer saber se estão pagando imposto ou não, e o brasileiro passou por isso e quem não pode ficar, infelizmente quem não teve dinheiro pra segurar todo esse período, teve que fechar as portas, não só nós, mas outras empresas também, então era melhor alugar os prédios, porque você estava trabalhando pra pagar imposto, não

⁴ “Empreendedorismo: é habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada” (BARRETO, 1998, p. 190).

era pra outra coisa. O prédio era nosso, agora está alugado pra chinês. Se fosse um comercio, Chinês, Peruano, Venezuelano, Mexicano, não interessa o País, se fosse atribuído a cada empreendedor, a cada lojista, a cada empresário, a mesma margem, o mesmo peso e a mesma medida estava tudo igual, mas são pesos diferentes, são medidas diferentes [...] (S.A. ENTREVISTA, 2019).

Essa mesma situação foi mencionada por outros lojistas e com isso aumentou a oferta de lojas para venda e aluguel nessa região, dando oportunidade aos imigrantes asiáticos de estruturarem seus negócios dentro da formalidade. Com o passar do tempo, após ter adquirido seus espaços para trabalho, esses imigrantes asiáticos foram se assentando e trazendo seus familiares para viverem e trabalharem em São Luís. Não se sabe o número exato de chineses residentes no município, pois esse controle de entrada e saída dos imigrantes deixou de pertencer ao Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE) em setembro de 2018, sendo substituído pelo Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), que era diretamente controlado pela Superintendência de Polícia Federal do Estado do Maranhão, mas que logo depois foi inativado, passando esse controle para o âmbito da *Digital Rights Management/Coordenação Geral de Polícia de Imigração (DRM/CGPI)* controlado diretamente de Brasília/DF (DADOS DA AUTORA, DA DELEGACIA DE POLÍCIA DE IMIGRAÇÃO, 2019).

De acordo com a Delegacia de Polícia de Imigração (2019, n. p.):

A imigração de estrangeiros de origem asiática em São Luís/MA é quase totalmente de cidadãos de origem chinesa. Os registros de estrangeiros até setembro/2018 era realizado pelo Sistema SINCRE, que foi substituído nessa data pelo SISMIGRA. O Sistema SINCRE fora inativado e os dados estatísticos desse sistema só podem ser obtidos pela DRM/CGPI, em Brasília/DF. Até a implantação do SISMIGRA, o controle estatístico dos estrangeiros cadastrado no estado do Maranhão era quase inviável, devido ao êxodo dentro do país, onde muitos se cadastram em outras unidades da PF e depois seguem para o Maranhão, e outros se cadastravam em nossa descentralizada e migravam para outros estados.

O Departamento de Polícia Federal, através do Sistema de Tráfego Internacional (STI) e SINCRE, aponta que de 2010 até julho de 2018 ocorreu a entrada de 662.216 mil chineses no Brasil, e nesse mesmo período saíram 639.082 mil, permanecendo 23.194 mil, distribuídos em todas as 27 unidades federativas do país (DADOS DA AUTORA, DE DELEGACIA DE POLÍCIA DE IMIGRAÇÃO, 2019).

Dentro das indagações sobre a entrada desses imigrantes no estado do Maranhão e, particularmente, sobre a forma que se estabelecem para trabalhar, a Delegacia de Polícia de Imigração relata:

Esses imigrantes chineses entram no Brasil no intuito de investir no comércio. Entram no país como turistas e, devido as brechas na Lei de imigração, acabam ficando irregular aqui no Brasil. Os casais dão um jeito de ter filho aqui no Brasil, onde essa criança se torna brasileira devido o parto em hospital local e registro em cartórios brasileiros. Com a certidão de nascimento dessas crianças, eles conseguem a AUTORIZAÇÃO DE RESIDÊNCIA COM BASE EM PROLE, regularizando a sua situação no país. Com essa autorização eles conseguem abrir conta em bancos, abrir empresas, obter CNH, Carteira de Trabalho etc. (DADOS COLETADOS PELA AUTORA, DA DELEGACIA DE POLÍCIA DE IMIGRAÇÃO, 2019).

Nos últimos sete anos, após se estabelecerem legalmente, os chineses investiram na abertura de lojas. Os imigrantes chineses fazem seus pedidos de mercadorias por São Paulo via sistema *on-line*, através de fornecedores que se dirigem até o estabelecimento, ou de forma presencial, importando legalmente produtos diretamente da China.

Na expectativa de encontrar informações sobre os comerciantes chineses no centro comercial de São Luís, buscou-se informações na Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão (FECOMERCIO), na Junta Comercial do Maranhão (JUCEMA) e na Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), que durante as entrevistas não souberam informar nada sobre o crescimento dos chineses no comércio do centro de São Luís, e nem sobre o faturamento geral dessa localidade nos últimos sete anos.

O Instituto de Promoção e Defesa do Cidadão e Consumidor do Estado do Maranhão (PROCON/MA), se pronunciou através de ofício sobre o comércio, informando que realiza periodicamente fiscalizações no centro de São Luís, buscando, principalmente, combater a venda ilegal de produtos e retirar os impróprios para consumo do mercado (DADOS COLETADOS PELA AUTORA, DE PROCON-MA, 2019).

Em 2017, ocorreu uma operação denominada “Operação Gancho”, sob a responsabilidade do PROCON, em parceria com a Secretaria da Fazenda e Polícia Militar, da que apreendeu produtos sendo comercializados sem o selo do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO), - obrigatório para

comercialização de vários produtos no país -, onde detectou que 12 lojas estavam funcionando de forma irregular por motivos variados: produtos sem selo do INMETRO, lojas sem alvará de vistoria do corpo de bombeiros, produtos sem precificação, sem informações claras da forma de pagamento aceitas no estabelecimento, lojas sem os exemplares do código do consumidor de fácil acesso ao público, e outras sem alvará de funcionamento (DADOS COLETADOS PELA AUTORA, no PROCON-MA, 2019).

Figura 18 - Produtos chineses sendo apreendidos na operação gancho de 2017



Fonte: Batalha (2017, n. p.).

Dentre as lojas apontadas, havia tanto lojistas brasileiros quanto chineses (DADOS COLETADOS PELA AUTORA, NO PROCON, 2019).

Estamos executando essa ação com 10 equipes simultâneas agindo para impedir em flagrante a sonegação de impostos, que é crime, e também garantir ao consumidor os seus direitos. Com a nota fiscal, o consumidor pode efetuar troca dos produtos e reivindicar seus direitos. Ela é obrigatória e deve ser emitida no momento da compra ou contratação de serviços [...]. No momento da fiscalização, os proprietários têm o direito de comprovar legalidade dos produtos, caso contrário, eles são apreendidos e, após 30 dias, se nenhuma regularização for realizada, os produtos deverão ser levados a leilão (BATALHA, 2017, n. p.).

O presidente do PROCON em 2017(Duarte Junior) ressaltou que os proprietários que não cumprem a Lei nº 8.846/94 devem ser punidos com multa de até 300% sobre o valor dos objetos vendidos, além de outras sanções administrativas, caso o funcionamento do estabelecimento também esteja irregular.

A segunda etapa da “Operação Gancho” ocorreu em 2018, e vários empreendimentos da Rua de Santana no centro de São Luís foram notificados com dois meses de antecedência para se regularizarem. Porém, algumas lojas tiveram suas atividades temporariamente suspensas pelo descumprimento de algumas normas já citadas. Das sete lojas que estavam em desacordo com as orientações do PROCON-MA, apenas uma era loja de chinês (DADOS COLETADOS PELA AUTORA, DE PROCON-MA, 2019). O PROCON afirmou, ainda, que não possui dados sobre os imigrantes asiáticos, pois as fiscalizações são pautadas na venda dos produtos, na relação de consumo propriamente dita, como rege o Código de Defesa do Consumidor (CDC).

2.2 O comércio do centro de São Luís

Por volta de 1800, nasce o Cais da Sagração e Rampa Campos Melo, que passam a obrigar empresas de comércio exterior a concentrarem suas exportações e importações de mercadorias apenas nesses locais. Desta forma, a fiscalização se aprimora nas entradas e saídas de mercadorias, trazendo melhoria na cobrança de impostos (ZUCCARATTO, 2017).

Antes da criação do Porto do Itaqui, a área (cais com 367 metros de extensão) já era utilizada como pontos de embarcações nos anos de 1800, e apenas em 1960, iniciam-se as primeiras ancoragens, e seis anos depois iniciam-se as obras do Porto do Itaqui (ZUCCARATTO, 2017). A criação de um porto que ligaria para sempre São Luís ao resto do mundo, e abriria preceitos para construções de novos Portos até os dias de hoje. O antigo Porto de São Luís funcionou até o início das operações do Porto do Itaqui, em 1974 (EMAP, 2019).

Segundo a Empresa Maranhense de Administração Portuária (EMAP, 2019, n. p.):

Em 1918, o Decreto nº13.133, de 7 de agosto, previa a construção de instalações para acostagem ligadas ao centro comercial do município de São Luís, com a empresa C.H. Walker e Co. Ltda., contratada para executá-las. No entanto, tais obras, definidas por

meio da concessão outorgada pela União ao Governo Estadual pelo Decreto nº 16.108, de 31 de julho de 1923, surgindo, então, o desenvolvimento do projeto para a construção do Porto do Itaqui. [...] Os estudos realizados em 1939 pelo departamento Nacional de Portos e Navegação, do Ministério da Viação e Obras Públicas, indicaram a região de Itaqui para criação de um porto no Maranhão.

Somente em janeiro de 1986 foi inaugurado o porto mais importante, ligado diretamente a uma das maiores indústrias de minério do mundo, a Vale do Rio Doce. O Porto da Madeira foi construído de frente para Baía de São Marcos, junto ao Porto do Itaqui, realizando seu primeiro carregamento em janeiro de 1986).

De acordo com os registros da Vale do Rio Doce (2019, n. p.):

O navio Docepolo foi carregado com 127 mil toneladas de minério de ferro. Naquele ano foram embarcadas 11 milhões de toneladas pelo terminal [...] Março de 1994-Inauguração do Pier II, com o carregamento do navio de bandeira de Comoros, Anangel Splendoir [...] Junho de 2004-Primeiro carregamento realizado no Pier III, no navio panamenho Hua Shan Hai, com destino a França [...] 2007-Ponta da Madeira alcança o marco de 1 bilhão de toneladas movimentadas desde o início de sua operação [...] Maio 2011-O Navio Vale Brasil é o primeiro Valemax a atracar em Ponta da Madeira. Foram carregadas 391 mil toneladas de minério com destino a China [...] Agosto de 2013-São realizados os primeiros carregamentos no Pier IV. O navio Shagang Giant foi o primeiro a ser carregado completamente. O navio vale Caofeidian foi o primeiro Valemax a atracar no novo píer [...] Dezembro de 2014-O Terminal Marítimo de Ponta da Madeira se torna o maior porto do Brasil em volume de carga movimentada, fechando o ano com 112 milhões de toneladas embarcadas [...] Hoje - Com o fim das obras de expansão, o Porto de Ponta da Madeira atinge capacidade de embarque de 230 milhões de toneladas de minério.

Já o terminal Portuário Privativo de Alumínios Maranhão (ALUMAR) está localizado na confluência do Estreito dos Coqueiros com o Rio dos Cachorros, na Baía de São Marcos, na Cidade de São Luís, aproximadamente a 10 quilômetros ao Sul do Porto do Itaqui. O porto da ALUMAR teve sua inauguração em 1983, quando teve seu primeiro descarregamento de bauxita

João Zuccaratto menciona, que o Terminal Portuário da Alumínios Maranhão:

recebe, anualmente, cerca de 300 navios graneleiros, capacidade máxima de 76.000 toneladas. Lá, é feito desembarque de bauxita, carvão mineral, coque, óleo combustível, piche e soda cáustica,

insumos e matérias-primas utilizados na produção de alumina. E embarca o excedente de produção de alumina [...] O complexo dispõe de galpões: um, de 34 mil toneladas, armazenar coque, e outro, de oito mil toneladas, para piche; e de tanques: um de 21.849 metros cúbicos, para óleo combustível, e três outros, somando 54 mil metros cúbicos totais, para soda cáustica [...] As instalações se completam com pátios para armazenagem da bauxita, com 540 mil toneladas de capacidade, e carvão mineral, 75 mil toneladas. Existem, ainda, dois silos especiais para armazenamento da alumina, com capacidade total 200 mil toneladas (ZUCCARATTO, 2017, n. p).

Além dos portos citados, existe um projeto para a construção de mais um terminal privado para movimentação de cargas em geral, contêineres, grânéis líquidos e grânéis sólidos, na exportação e na importação que foi acordado em 2017. O projeto atenderá à Região Centro-Oeste, Região Nordeste e Região Norte do País, levando uma média três anos para operar. Esse empreendimento é da *China Communications Construction Company* (CCCC), maior empresa de infraestrutura da China. A CCCC comprou 51% de participação no negócio que foi idealizado dentro da construção WTorre (CONCREMAT ENGENHARIA E TECNOLOGIA, 2018).

O empreendimento será para o transportar grãos, combustíveis e minérios, o que permitirá que as cargas cheguem mais rápido e com custo menor para os asiáticos, já que cruzarão o canal Panamá (DIÁLOGO CHINO, 2019). O “porto dos chineses”, como é conhecido, tem gerado muitos debates, principalmente pela questão de deslocamento da “comunidade do Cajueiro”, para ceder o espaço à construção desse empreendimento. A construção desse porto também gera uma série de discussões a respeito da facilidade que os chineses podem encontrar para importar seus produtos, ou até mesmo para migrarem de seu país para o estado do Maranhão.

Pode-se dizer que as transformações que ocorreram no centro comercial de São Luís e no entorno, desde sua fundação e decorrer dos séculos até os dias atuais, só demonstra o seu contínuo crescimento, mesmo com a construção de *Shoppings*. Por outro lado, é evidente que com a globalização e o avanço tecnológico exista um entrelaçamento entre comércios de todo o mundo.

Atualmente, o comércio do centro de São Luís permanece sendo o principal do estado, não somente pelas suas variedades de produtos, mas pela oferta de trabalho, tanto para pequenos empreendedores quanto para aqueles que procuram um emprego. Em meio à crise econômica, existem os empresários que fecham suas

portas e outros que iniciam seu novo empreendimento, como é o caso dos imigrantes chineses.

Para iniciar seu negócio, a entrevistada chinesa S.T informou que assim que chegou ao estado, passou alguns meses vendendo nas calçadas da Rua Grande, consumindo o mínimo possível para economizar, e fazia refeições de R\$6,00, alugava uma moradia de R\$350,00, e para não pagar carregador, ela mesma carregava as mercadorias que chegavam, e que após uns quatro ou cinco meses conseguiu levantar o valor de R\$20.000,00 para abrir sua primeira loja física. Ela relatou ser mais fácil conseguir economizar aqui do que no próprio país, “se fosse na China eu não conseguia economizar”, pois quando chegou ao Brasil seu único foco era juntar dinheiro para abrir seu próprio negócio, mesmo que para isso tivesse que passar alguns apertos. Depois da abertura da sua loja, já mudou três vezes sua loja de local na região do centro de São Luís, e diz que se muda conforme a movimentação do comércio, e já passou pela Rua Grande e Rua de Santana duas vezes, onde permanece atualmente (S.T. Entrevista, 2019).

Quando questionada sobre o valor despendido para sair da China para o Brasil, a entrevistada chinesa S.T. disse que pagou uma média de R\$3.000,00 com passagens, e trouxe um dinheiro para iniciar suas primeiras compras. Ela também contou que o governo chinês não disponibiliza incentivo para os chineses que desejam abrir seus negócios fora da China, e que isso faz parte da própria vontade dos chineses:

[...] Se tem um outro lugar que é melhor pra ganhar dinheiro, para trabalhar, então o povo vai e sai fuçando, o governo não dá incentivo em nada, até o benefício, o governo Chinês não é tão bom em relação disso, mas, eu acho correto isso, a pessoa que tem que procurar saber fazer as coisas, o governo tem que dar infraestrutura, educação, acesso a saúde... Se tu não te esforçar, não adianta governo ajudar (S.T. ENTREVISTA 2019).

Sobre isso, Ma (2003) argumenta que esses novos comerciantes se diferem dos demais, e conseguem se estabelecer por mais tempo, pois emigram com fundos necessários, ou seja, para se fixarem em um novo país, utilizam seu próprio capital.

CAPÍTULO III: A ANÁLISE SOCIOCULTURAL DOS IMIGRANTES CHINESES NO COMÉRCIO LUDOVISCENSE

3.1 Primeiros contatos com os imigrantes chineses no centro de São Luís

Os chineses são conhecidos como um “grupo fechado” quando estão residindo em outros continentes, seja aqui na América do Sul, seja na Europa, pois eles limitam suas relações com os residentes locais, deixando estritamente uma relação de comerciante e cliente. É bastante comum no processo de migração para outros locais (dentro e fora do seu país) que as pessoas se sintam, inicialmente, desconfiados e inseguros, o que pode ir além da adequação à língua para uma simples comunicação Piza (2012), observou em sua pesquisa sobre os chineses na Rua 25 de Março em São Paulo, relatos sobre este caráter de isolamento de indivíduos em contextos migratórios devido a problemas de adequação à língua e cultura diferentes.

Durante as pesquisas *in loco*, na esperança de coletar mais informações sobre esses grupos de imigrantes asiáticos, ocorreram distintas reações. No primeiro momento, ao solicitar que respondessem algumas perguntas, como: o país de origem, tempo de permanência no estado, tipo de comércio, número de familiares no estado etc... os imigrantes asiáticos imediatamente respondiam que não entendiam as perguntas, mesmo que os funcionários brasileiros alertassem na entrada da loja que o proprietário imigrante já falava e entendia muito bem a língua portuguesa. Dessa forma, se observou que os imigrantes tentavam encerrar qualquer assunto que pudesse incomodá-los, mostrando o quão isolados e inseguros alguns ainda são, mesmo estando há muitos anos no centro de São Luís.

Já em outras situações, alguns tinham o prazer em relatar, como no caso do chinês L. L., que veio com 17 anos a São Luís, e falou que ainda criança já tinha vontade de sair da China em busca de algo melhor, e que inicialmente queria ir ao Canadá, mas a pedido da sua mãe veio para São Luís. Inicialmente, L. L. veio trabalhar na loja do seu tio, que já morava há alguns anos no estado do Maranhão, e então L.L veio como turista e depois se legalizou por meio do trabalho. Morou em

outros estados, como Belém, Rio de Janeiro e São Paulo, mas foi aqui em São Luís que diz ter se sentido mais acolhido. Sua casa é alugada, porém sua loja “amarelo Samuray”, localizada na Rua Sete de Setembro, já é própria e legalizada, vendendo no varejo e atacado, e seus lucros todos são investidos aqui mesmo no estado, pois nos últimos anos juntou dinheiro para pagar seu negócio. O mesmo disse que suas mercadorias são compradas em São Paulo e são oriundas da China, e afirma que tudo é legalizado (mostrou comprovante de imposto de renda da sua loja para confirmar o que falava) (L.L. ENTREVISTA, 2019).

L.L. relatou já ter feito muitas amizades com brasileiros, que já tem um filho de cinco anos maranhense com uma chinesa, e que não pretende tão cedo voltar à China, apenas para passar férias de um mês e retornar a São Luís, que só pretende voltar quando estiver mais velho, com uns cinquenta anos. Ele conta que, em 2011, a polícia federal bateu em várias lojas recolhendo mercadorias sem notas fiscais dos chineses, e que depois conseguiram recuperar mostrando documentos de compra. Ele se queixou que por muito tempo foi comparado com “coreanos”, por conta da sua aparência (acredita-se que por isso se espalhou tal notícia, de que os coreanos estavam chegando em massa ao Maranhão), mas afirma sorrindo que todos são chineses, e hoje não se incomoda mais em ser chamado de coreano.

Disse ainda ter sentido no começo da sua chegada ao comércio de São Luís, o desconforto dos lojistas locais, e até mesmo dos clientes. Segundo seu relato, em 2011 tinham vários imigrantes trabalhando informalmente, e que nesse mesmo ano, após a PF ter confiscado vários produtos, os chineses começaram a ir em busca da legalização do seu negócio. Assim como ele, a maioria dos chineses e lojistas locais trazem seus produtos da China comprados no estado de São Paulo.

Outros chineses, assim como L.L., receberam bem os entrevistadores da presente dissertação, se esforçaram para demonstrar que são empreendedores honestos, que estão aqui apenas para trabalhar como qualquer outro lojista local. Teve uma situação em que um dos chineses entrevistados, na faixa de idade dos cinquenta anos, demonstrou simpatia e empolgação, mencionando contribuir com ações sociais através de doações de brinquedos, apontando para a bandeira do Brasil (tamanho grande), que estava exposta atrás do balcão, falando o quanto gosta do Brasil, deixando a entender que sente empatia pelos brasileiros e só quer ter liberdade para trabalhar.

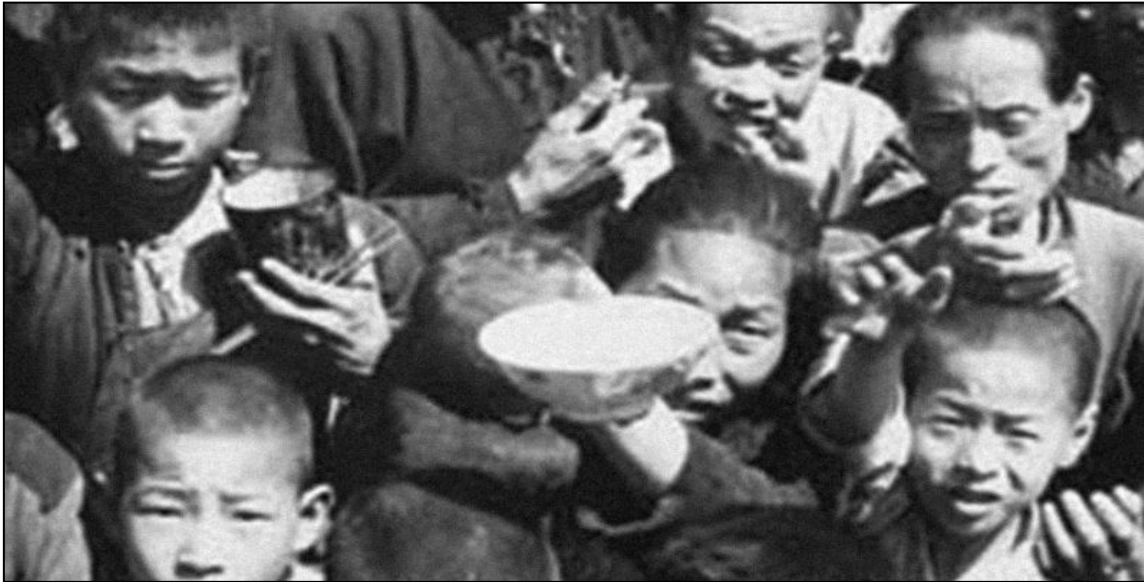
Observou-se que a maioria dos chineses que responderam ao questionário tinham idade média de quinze a trinta anos, normalmente filhos dos proprietários chineses, falavam o português mais claro e depois de perguntarem pelo menos três vezes o motivo das perguntas, entendiam que a coleta de informações fazia parte de uma pesquisa acadêmica, mostrando, assim, que não deviam nada, mas que existia sempre um pouco de desconfiança.

Essa diferença na insegurança de uma geração para outra é entendida facilmente, pelo fato de a maioria dos adolescentes e jovens chineses terem chegado ao Brasil enquanto crianças, o que facilita a socialização com outras pessoas fora do seu grupo étnico, principalmente na escola, onde permitem a interação com outras línguas estrangeiras.

Do outro lado, a insegurança de quem tem mais idade, de estar há pouco tempo em outra sociedade e se comunicar moderadamente, apenas o suficiente para vender seus produtos, permite uma explicação cultural bem mais profunda. A jovem chinesa S.T., de 29 anos, conta que um dos motivos que mais deixou a geração dos pais dela inseguros, foi a grande fome na China comunista, que ocorreu de 1958-1962”⁵.

⁵ “Entre 1958 e 1962, a China desceu ao inferno. Mao Tsé-tung, presidente do Partido Comunista Chinês, jogou seu país em um delírio com o Grande Salto adiante, uma tentativa de alcançar e superar a Grã-Bretanha em menos de quinze anos. Ao liberar o maior ativo da China, uma força de trabalho que se contava em centenas de milhões, Mao sonhou que poderia catapultar seu país para a dianteira dos competidores. Em vez de seguir o modelo de desenvolvimento soviético, que se inclinava acentuadamente para a indústria, a China ‘caminharia sobre duas pernas’: as massas camponesas foram mobilizadas para transformar a agricultura e a indústria ao mesmo tempo, convertendo uma economia retrógrada numa sociedade comunista moderna, com abundância para todos. Na perseguição de um paraíso utópico, tudo foi coletivizado, e os aldeões foram arrebanhados em comunas gigantescas, que proclamavam o advento do comunismo. As pessoas no campo foram roubadas de seu trabalho, de seus lares, de sua terra, de seus pertences e de seu meio de subsistência. A comida, distribuída às colheradas nos refeitórios coletivos segundo o merecimento, transformou-se em arma para forçar as pessoas a seguir todos os ditames do partido. As campanhas de irrigação forçaram até a metade dos camponeses a trabalhar durante semanas a fio em projetos de reservatórios de água gigantescos, frequentemente distantes de casa, sem alimento e descanso adequados. A experiência terminou na maior catástrofe que o país jamais conheceu, destruindo dezenas de milhões de vidas”. (DIKÖTTER, 2017, p. 9).

Figura 19 - Chineses em busca de alimento durante “A grande fome da China”



Fonte: Pesquisa Independente... (2013, n. p.).

Com toda essa tragédia ocorrida na gestão do Mao Tsé-Tung, que geraram mortes por fome em massa, acabou deixando marcas nas gerações da época. S. T. relata que:

[...] então quando voltou a atividade em 1980, voltaram a atividade, ai eles mesmo assim teve 10 anos parado sem nada, sem comida, sem bem, ai quando voltaram, eles voltaram com todos força e todos vontade, todos desejos, todos insegurança, então eles quer abraçar todos materiais, todo dinheiro. Da geração da minha mãe, a maioria gosta de poupar, tu pode ver, eles não investe em nada, só poupança, então é um situação do geração que geraram isso [...] (S.T. ENTREVISTA, 2019).

Embora seja importante registrar que a China, hoje, candidata à potência capitalista, ainda ostenta índices alarmantes de pobreza, além do trabalho escravo e infantil em grande escala. Os jovens chineses que emigram, buscam novas formas de inserção econômica e social. Observa-se, pelos relatos, a existência de uma geração que vivenciou um passado catastrófico da China, ou seja, uma geração que sente receio em vivenciar tudo novamente, o que se reflete na dedicação ao trabalho e na economia do que ganham.

S.T. é uma jovem chinesa empreendedora e esclarecida, que decidiu com muita simpatia contribuir com a pesquisa, permitindo a gravação e demonstrando que os dez anos que já reside aqui fizeram com que buscasse muito além de

melhores perspectivas de vida, mas aprender muito sobre a língua e cultura do país em que foi acolhida. S.T., por ainda se esforçar para aprender, consegue falar com clareza a língua portuguesa, bem como entender. Ela conta que muitos chineses não se esforçam para aprender a língua, principalmente a geração mais antiga, como a dos seus pais.

Apesar de S.T já residir há dez anos no Brasil, São Luís não foi o único lugar por onde passou. A convite de uma prima que já morava no Brasil há algum tempo, S.T. aos vinte anos veio com seus pais e irmão para São Luís. Os pais de S.T. residiram apenas dois meses no Brasil, pois não conseguiram se adaptar à língua, cultura e infraestrutura. Ela e o irmão permaneceram no país. Ela morou em São Paulo algum tempo, onde tinha um empreendimento, porém, percebeu que o estado era muito violento, e decidiu retornar para São Luís, onde hoje ela e o irmão tem suas próprias lojas na Rua de Santana. S.T. disse, ainda, que aqui é um lugar bom de viver e de trabalhar, gosta muito da natureza, porém acha o Brasil muito atrasado se comparado à China, e que os chineses são muito organizados aqui no Brasil. Diz ainda que quando começou seu negócio no Brasil, os lucros eram muito bons, tanto que enviava para familiares na China, mas agora mal dá para manter o próprio negócio, e faz reclamações sobre os impostos, principalmente em cima das mercadorias de estoque que ainda não foram vendidas, então questiona sobre pagar os impostos. Ela comenta que no início do ano começou um curso de nível superior em Design numa Universidade privada do Maranhão. Quando questionada se retornaria para a China, ela diz que assim que terminar o curso fará uma viagem para a sua terra natal, e depois decidirá se retornará para o Brasil.

Uma curiosidade relacionada a casamento que a chinesa S.T. compartilhou, é que os chineses, mesmo fora da China, costumam casar-se entre si, e quando questionada sobre o motivo, a mesma informou que a questão cultural pesa muito, pois os chineses têm a impressão de que os brasileiros se importam pouco com a família, por conta de se casarem e separarem muitas vezes, o que acaba passando a impressão de irresponsabilidade. Ela conta que hoje em dia é mais comum na China o divórcio, mas que comparado ao Brasil esse índice ainda é pequeno, e relata ainda que:

A mulher chinesa sofre muito, pois mesmo o homem traindo, por conta do filho ela faz sacrifício de tudo, de liberdade dela, de sentimento dela, mesmo sabendo que o homem tenha alguém na

rua, mas não se separa, as vezes faz barraco, sai de casa, mas depois volta por conta do filho, e por causa da sociedade que acaba julgando, pois ela fica malvista. [...] Se tu conseguiu manter, tu deixa esse sofrimento, só fase, vai passar, cinquenta ou sessenta anos e você vai se manter junto e vai continuar aquela família, aí vai ter filho do lado, vai ter quem cuide de você na velhice (S.T. ENTREVISTA, 2019).

Sobre alimentação, S.T, relata que não sabe cozinhar, nem comida chinesa e muito menos brasileira, em especial caranguejo, mas que tanto ela quanto seus conterrâneos gostam da comida brasileira, e que por não saberem fazer, costumam ir em muitos restaurantes da região. Já em casa com seus familiares costumam fazer sua própria comida chinesa.

S.T. afirma que os chineses migram para outros países devido a concorrência na China ser muito grande, o que explica a maioria das emigrações dos chineses e a grande potência industrial capitalista que a China se tornou. Ela conta que os chineses mais inquietos são dos estados de Fujian, Zhejiang e Guangdong, onde migram para o mundo todo, tendo sua história de migração recente, de apenas vinte anos. Mung (2009) confirma tal relato, ao afirmar que as províncias do Sul da China, como Guangdong, de Fujian e Zhejiang, permanecem como principais regiões de partida, revelando, assim, a força das redes de migração.

Figura 20 - Mapa da China



Fonte: Mapa Vetorial (2017, n. p.).

Nos relatou ainda, que tem se preocupado muito com a geração de jovens que moram na China hoje, pois devido ao grande crescimento econômico da China nos últimos anos, esses jovens gastam desenfreadamente sem preocupação alguma com o futuro, gerando uma geração consumista, e o governo está elaborando um novo plano pra desacelerar essa nova realidade, pois, segundo S. T., essa geração ainda não sabe como ganhar dinheiro, e já está se endividando com cartão de crédito.

S.T. mencionou que acompanha o Jornal Chinês, em São Paulo, na versão eletrônica, e que traduz as principais notícias da China e do Brasil, essencialmente sobre política, o que permite aos imigrantes asiáticos se manterem atualizados.

As notícias publicadas são matérias internacionais editadas ligadas à imprensa oficial chinesa sobre a China Continental, Taiwan, Hong Kong e Macau, assim como noticiário sobre o Brasil (as colunas mais lidas são sobre turismo e legislação brasileira); somente são publicadas notícias policiais quando há chineses envolvidos (PIZA, 2012, p. 75).

Existem alguns jornais na língua chinesa no estado de São Paulo, que circulam em vários outros estados, como Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Pará, Ceará e Distrito Federal, e até mesmo em outros países, como Argentina e Paraguai, e cada qual com interesses distintos:

O Jornal Taiwanês Semanal localizado na rua (Tomás Gonzaga) que louva um dos líderes da inconfidência Mineira, no número 55, sobreloja. A publicação é pró Partido Democrático Progressista, onde os responsáveis são cinco imigrantes chineses [...] a poucas quadras dali no número 724 da rua Galvão Bueno-batizada em louvor a um mestre da Faculdade de Direito do Largo São Francisco-, ergue-se a oposição; o Jornal Chinês “Americana” que defende a coexistência de dois sistemas de governo sob uma única bandeira. Ou seja, 100% anti-secessão [...] A cerca de 500 metros à esquerda do posto de comando do Jornal Chinês “Americana”, no número 113 da rua São Joaquim-em louvor ao pai da Santíssima Virgem Maria-, localiza-se a sede do Jornal Chinês para a América do Sul, aliado poderoso dos que lutam contra a emancipação (SUN, 2007, n. p.).

Dentre as informações que são lançadas pelos jornais, no dia 29 de novembro de 2018, um texto foi publicado por Bret Stephens no jornal *The New York Times*, no qual o autor fala “que a China não vai conseguir se desenvolver como se imagina”, fazendo, assim, uma comparação no desenvolvimento industrial dos dois países(EUA e CHINA), e usando o Brasil como exemplo de economia em

decadência, referindo-se aos últimos dez anos. Menciona ainda, que em 2009 existira uma promessa de ultrapassar grandes potências como o Reino Unido, o que infelizmente ficou para trás (G1, 2018). Com isso, o chinês Ding Gang publicou um texto onde apontava:

Os brasileiros não estão dispostos a ser tão diligentes e trabalhadores quanto os chineses. Nem eles valorizam a poupança para a próxima geração, como os chineses. No entanto, eles exigem o mesmo bem-estar e benefícios que os dos países desenvolvidos [...] o Brasil nunca teve uma indústria de manufatura forte e sofisticada e, como resultado, a economia brasileira depende apenas da exportação de matérias-primas e commodities (G1, 2018, n. p.).

O chinês Ding Gang admitiu “parecer racista”, julgando o desenvolvimento do Brasil por sua cultura. Em resposta ao artigo do *New York Times*, também revelou que o autor do texto cometeu um erro básico, o de não analisar as perspectivas de desenvolvimento de um país, fazendo uma investigação na sua cultura e tradição (G1, 2018)).

Observa-se que existe um choque cultural entre os dois países, China e Brasil, em que de um lado, tem-se uma produção em massa de produtos industrializados e uma corrida dentro do mercado mundial para vender seus produtos, e do outro uma enorme geografia com matérias-primas desejadas, e que são exportadas para vários países (G1, 2018).

3.2 A forma de morar dos chineses em São Luís

Os chineses que chegam ao estado do Maranhão, para trabalhar no comércio do centro de São Luís, buscam moradias próximas aos seus locais de trabalho, a fim de facilitar o trajeto diário. S. T. relatou que, quando chegam com poucos recursos, inicialmente, investem em lojas, ou começam a trabalhar nas lojas de parentes que já estão estabilizados. Buscam em geral, locais centralizados e baratos para alugar, fazendo do Edifício Caiçara um dos principais *locus* de moradia dos imigrantes chineses.

O Edifício Caiçara foi construído entre 1960 e 1965, e ficou conhecido por ser um dos primeiros modelos arquitetônicos de uma variante do Movimento Moderno de arquitetura com a função habitacional residencial, mudando para sempre os modos de habitar. O Caiçara é um edifício multifamiliar de apartamentos,

construído no cruzamento da Rua São Pantaleão com a Rua Grande, no centro da cidade de São Luís, e conta com um *hall* central, onde se localizam seis apartamentos que se repetem por mais oito andares, totalizando 48 apartamentos. No centro do *hall* ficam dois elevadores e uma escada. No térreo, o edifício possui uma galeria de lojas que fica direcionada para a Rua Grande, o que destaca seu uso residencial e comercial (FIGUEIREDO, 2007).

Conforme as Figuras 3 e 4, observa-se que o Edifício Caiçara, em doze anos, não sofreu mudanças significativas na estrutura do lado externo. Do lado interno alguns apartamentos já foram reformados pelos proprietários, trazendo características mais modernas. Ainda assim, permanece como ícone contemporâneo.

Figura 21 - Fotografia do Caiçara 2007



Fonte: Figueiredo (2007, n. p.).

Figura 22 - Fotografia Caiçara 2019



Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

A construção do Edifício Caiçara acompanhou o período do crescimento da capital maranhense para além da área central, e teve, inicialmente, a função de abrigar pessoas de classe média e alta. Posteriormente, o progresso de urbanização nas regiões adjacentes ao centro principal trouxe modificações quanto às motivações para se morar no centro de São Luís. Parte da população que residia no centro mudou-se para áreas consideradas mais tranquilas, nas proximidades das praias, valorizadas do ponto de vista imobiliário e de distinção social. E os mais interessados passaram a ser estudantes, que vinham do interior do estado, acompanhados de seus familiares ou conhecidos, com intuito de estudar nas escolas tradicionais do centro de São Luís, como o Marista e o Liceu Maranhense, ou na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), contando com um grande suporte no entorno de hospitais, supermercados e bancos. Tornava-se, assim, o Edifício Caiçara uma das residências mais atrativas no centro da cidade, para quem preferia

a comodidade que a particularidade do centro de São Luís dispunha (ALMEIDA; ARAUJO; FIGUEIREDO, 2018).

Com o aumento da incidência de imigrantes asiáticos na região do centro comercial de São Luís, por volta de 2013, já era possível para moradores e lojistas da localidade observar uma maior movimentação dos imigrantes morando no Edifício Caiçara. Moradores brasileiros antigos que lá permanecem relataram que a maioria dos apartamentos estão sendo alugados por imigrantes chineses. O porteiro do edifício (Senhor Domingos), que está há mais de dezoito anos trabalhando no local, afirma que atualmente 80% dos moradores são chineses, e que apesar de nos últimos anos muitos terem se deslocado para outras localidades de São Luís, outros chegam com suas famílias para iniciar seus negócios, e que às vezes a disputa por apartamentos acaba gerando conflitos entre eles, por conta da enorme procura (DOMINGOS, ENTREVISTA, 2019).

O Senhor Domingos relata que a chegada dos primeiros chineses foi por volta de 2007, e que nos anos seguintes foi se intensificando. Segundo seu Domingos, a jornada de trabalho costuma ser longa, das 8h da manhã às 18:30, ou mais. Quando questionado sobre o relacionamento com eles, afirmou que falam pouco, sendo normalmente simpáticos quando necessitam de algo (DOMINGOS, ENTREVISTA, 2019).

Após se estabelecerem, é bastante comum melhorarem suas condições financeiras, comprando ou alugando imóveis pelo bairro do Renascença ou em condomínios próximos às praias. Pelo fato de trabalharem durante a semana, acabam por fazer da área de lazer dos condomínios que residem um dos seus principais entretenimentos. Durante a entrevista, S.T. relatou que, na China, muitos não conseguem proporcionar o conforto e o lazer que os chineses alojados no Brasil (que já se equilibraram financeiramente) conseguem, o que acaba motivando mais chineses a deixarem o seu país de origem e migrarem para outros países em busca da melhoria de vida (S.T. ENTREVISTA, 2019).

3.3 Desafios nas relações de trabalho entre chineses e brasileiros

Os chineses que residem há mais de dez anos no centro comercial de São Luís, estão conquistando cada vez mais espaço e, conseqüentemente gerando mais

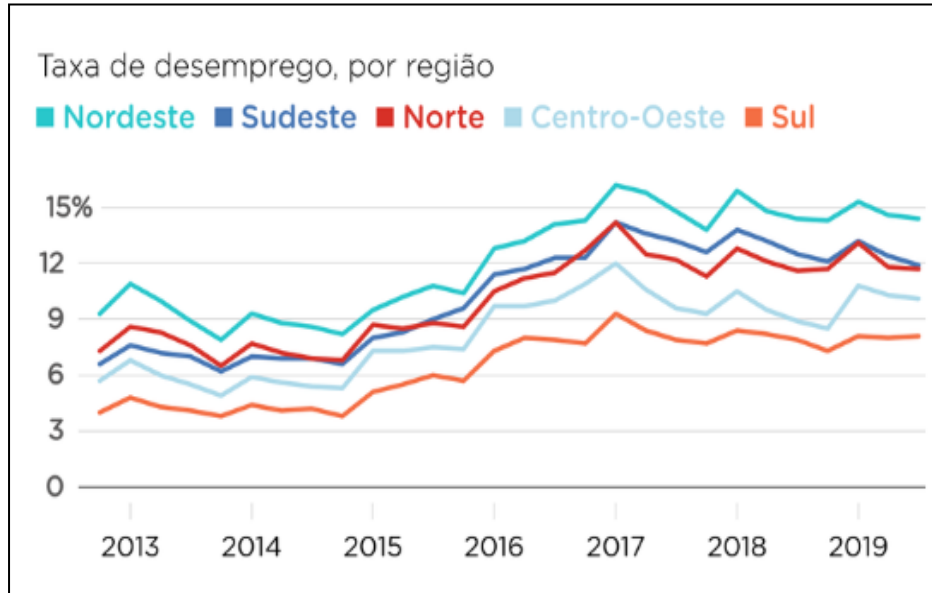
empregos, tanto para brasileiros (funcionários) quanto para chineses (microempresários), e renda para o município de São Luís.

Sabe-se que a distribuição do desemprego no Brasil não é homogênea. O Nordeste é a região com situação mais vulnerável, onde o desemprego está mais alto e a renda está mais baixa como mostram os gráficos das figuras a seguir.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que abrange um grupo representativo da população brasileira, faz visitas a cada três meses em 211 mil domicílios por todo o território nacional, levando em conta a localização e a classe social, e coleta dados sobre trabalho, renda, entre outros. O IBGE consolidou dados do emprego para cada região e estado, mostrando como a situação do trabalho evoluiu por todo o Brasil, trimestre a trimestre. Desde 2012 que o desemprego vem apontando em todo o país, principalmente no Nordeste.

A taxa de desemprego registrada no Brasil no terceiro trimestre de 2019 é de 11,8% (ROUBICEK, 2019).

Figura 23 - Taxa de desemprego por região

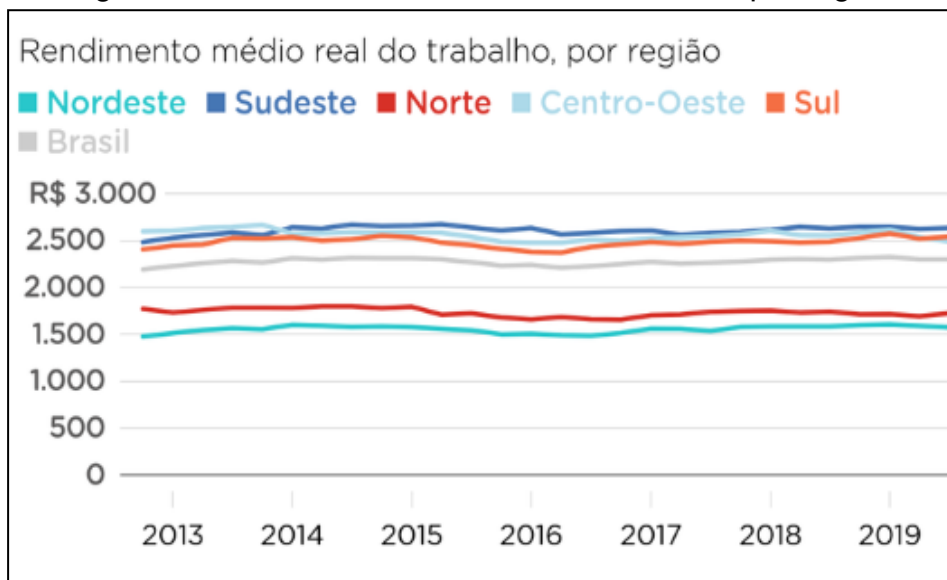


Fonte: Roubicek (2019, n. p.).

Observa-se que no Nordeste a taxa de desemprego é a única que fica próximo a 15%. Desde o final de 2012, todos os trimestres observados pelo IBGE registram o Nordeste com a maior taxa de desocupação.

Na situação regional da renda aparece uma discrepância: onde o Norte e o Nordeste têm renda significativamente menor que as outras três regiões brasileiras, o que se manteve estável desde 2012 (ROUBICEK, 2019).

Figura 24 - Rendimento médio real do trabalho, por região

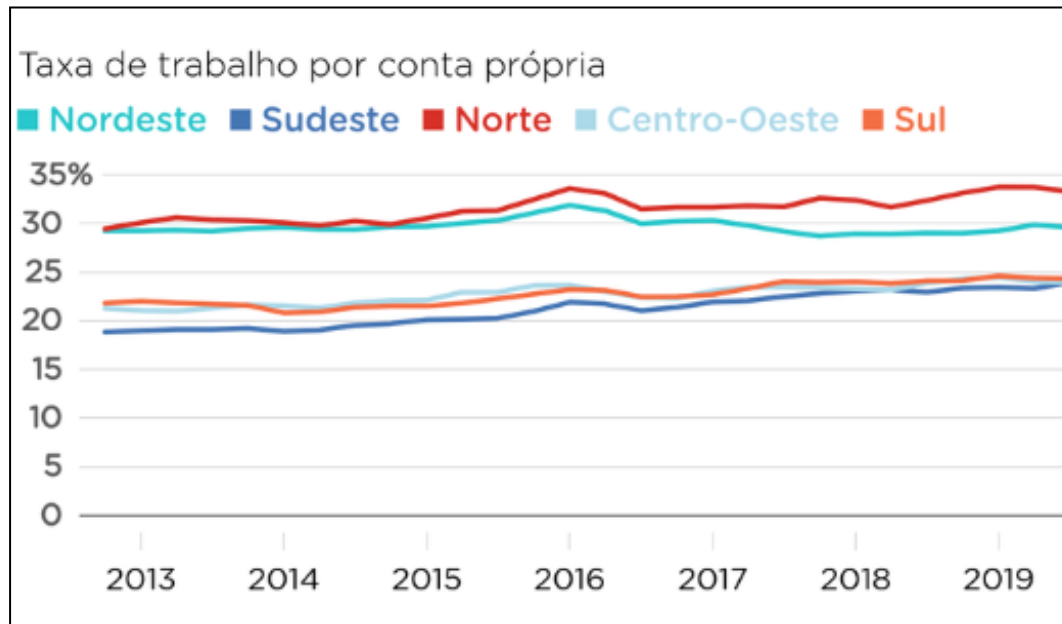


Fonte: Roubicek (2019, n. p.).

A pesquisa do IBGE mostra no Nordeste e no Norte, a renda média em 2019, que ficou novamente abaixo de R\$ 2.000 mensais, assim como nos anos anteriores. O rendimento médio mensal do trabalhador nordestino ficou em R\$ 1.574 entre julho e setembro de 2019; já o do trabalhador nortista ficou em R\$ 1.723 nesse mesmo período (ROUBICEK, 2019).

O número de trabalhadores informais que trabalham por conta própria vem crescendo no Brasil. Essa ocupação pode ou não ter carteira registrada, englobando de Microempreendedores Individuais (MEIs) a motoristas de aplicativos e transporte. No terceiro trimestre de 2012, a categoria era formada por pouco mais de 20 milhões de pessoas, ou 22,5% das pessoas empregadas. No terceiro trimestre de 2019 esse número chegou a 24,4 milhões, o que representa 26% da população ocupada no Brasil. Essa taxa é especialmente alta no Norte e no Nordeste (ROUBICEK, 2019).

Figura 25 - Taxa de trabalho por conta própria

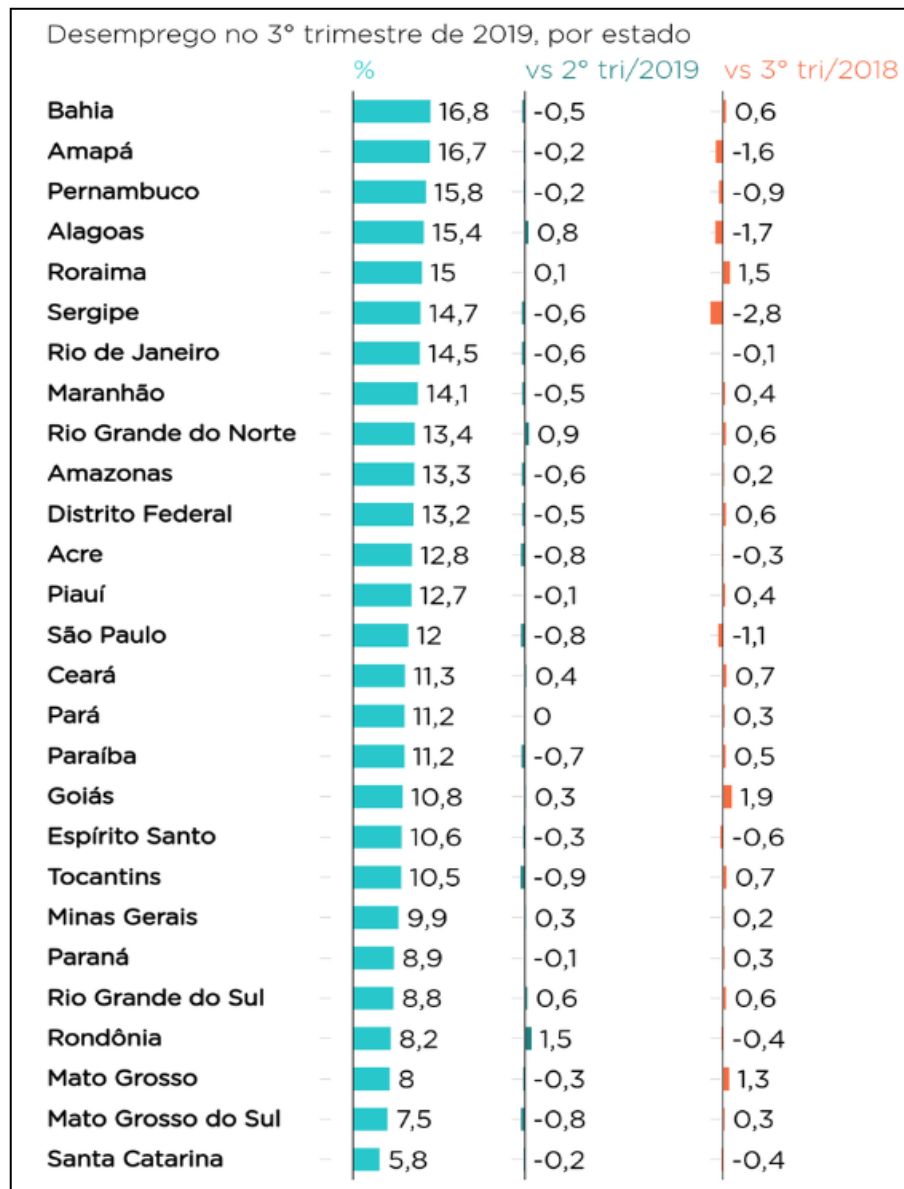


Fonte: Roubicek (2019, n. p.).

No Brasil, o rendimento de quem trabalha por conta própria é menor, em comparação com outras categorias, como o trabalho formal no setor privado. Se a média do rendimento no Brasil como um todo ficou em cerca de R\$ 2.300 ao mês, para quem trabalha por conta própria esse valor é mais de R\$ 600 menor (ROUBICEK, 2019).

O Figura 26, a seguir, demonstra a situação atual de desemprego em cada estado, onde mostra a discrepância entre o Nordeste e as outras regiões. Dos nove estados nordestinos, seis estão entre os dez locais com maior desemprego no Brasil.

Figura 26 - Desemprego no 3º trimestre de 2019, por estado



Fonte: Roubicek (2019, n. p.).

O desemprego tem se mantido em níveis mais altos no Nordeste, onde os seis estados com maiores taxas de subutilização pertencem à região. Em termos gerais, esse indicador mostra quanta mão de obra é desperdiçada em um local. Ela é composta de:

- Desocupados, que são os desempregados; pelos critérios do IBGE, essa categoria consiste naqueles que procuram emprego, mas não estão trabalhando;
- Subocupados, que são os que trabalham menos que 40 horas semanais, mas gostariam de trabalhar mais horas;

- Força de trabalho potencial, que é a soma das pessoas que por algum motivo não podem assumir um compromisso naquele momento com os desalentados, que são os que gostariam de trabalhar, mas deixaram de procurar emprego por falta de esperança (ROUBICEK, 2019).

Os seis estados brasileiros com maiores taxas de subutilização, em ordem crescente, são: Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe, Piauí, Bahia e Maranhão. Em todos esses estados, a taxa de subutilização está acima de 35% – em nenhum estado do Sudeste ela está acima de 23%. Conclui-se que a crise de desemprego estabelecida e agravada há alguns anos no Brasil, tem dado abertura para imigrantes como “os chineses” empreenderem no país. A maioria dos comerciantes imigrantes utilizam a mão de obra de brasileiros, já que esses na maioria das vezes, estão esperando uma oportunidade para trabalhar.

Um aspecto importante constatado durante a pesquisa é os chineses conseguem contratar e cumprir com as obrigações que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) exige para esses trabalhadores, tendo em vista que existe uma necessidade por parte dos empresários chineses em ter funcionários brasileiros, pois os mesmos facilitam a comunicação com os clientes (S.T. ENTREVISTA, 2019). A falta de uma comunicação mais clara dificulta o relacionamento com os clientes, como a lojista maranhense S.A. afirma:

Os imigrantes chineses são mal-educados com os clientes, eles não dão atenção aos clientes, o fato deles não falarem a língua, eles acabam não dando informações sobre os produtos, algumas vezes não emitem nota, cupom fiscal, e eles não querem trocar os produtos (S. A. ENTREVISTA 2019).

Existem reclamações por parte dos clientes brasileiros constantemente, e as principais reclamações são que alguns chineses são difíceis para negociar, não gostam de dar descontos e chegam a chamar o cliente de “chorão”, quando os mesmos insistem, conforme relato de um entrevistado brasileiro (M.L. ENTREVISTA, 2019).

Todos os funcionários entrevistados das lojas de chineses são brasileiros, e a contratação desses funcionários é feita através de carteira assinada com todos os direitos previstos na CLT. Normalmente, um funcionário brasileiro fala para outros brasileiros sobre a abertura de novas vagas de trabalho nas novas lojas de chineses. O intuito principal na contratação dos brasileiros é facilitar o diálogo com

os clientes. Já com os fornecedores é diferente, os que se dirigem às lojas dos chineses, normalmente, tratam diretamente com o proprietário chinês, mesmo com todas as dificuldades na comunicação. Com seus nomes difíceis de serem pronunciados pelos brasileiros, os chineses criaram pseudônimos a fim de facilitar que funcionários, fornecedores e clientes brasileiros consigam interagir entre si.

A maioria dos lojistas chineses que estão legalizados e têm suas lojas consegue abrir contas bancárias (Jurídica ou Física), e ter cartões de crédito, facilitando assim a opção de pagamento dos clientes. Para isso, basta os proprietários chineses utilizarem seu documento de autorização de residência. Contatamos que antes de obterem suas autorizações para residir no país, muitos permaneciam de forma ilegal, e nesses casos utilizavam “laranjas” (que normalmente são funcionários brasileiros do seu estabelecimento) para abrirem contas em seu nome (S. C. ENTREVISTA, 2019).

Tal como os maranhenses, os lojistas chineses reclamam do aumento dos impostos: o que outrora gerava lucros nos últimos anos, agora rende apenas o suficiente para manter seus negócios. Com o aumento dos impostos, as mercadorias sofrem aumentos que impactam diretamente no consumidor, o que conseqüentemente diminuirão as vendas, acarretando também em demissões e mais desemprego.

A respeito do aumento dos impostos, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) afirma que, em 2018:

O terceiro trimestre vem se caracterizando pelo aumento da instabilidade no mercado financeiro combinado com a continuidade do lento processo de recuperação da atividade econômica. Na comparação com o segundo trimestre, a evolução do Produto Interno Bruto-PIB apresenta alguma aceleração (crescimento com ajuste sazonal de 1,1%, mas esta aceleração na margem ocorre após o agudo choque de oferta adverso causado pela greve dos caminhoneiros, devendo-se, assim, em grande medida, à fraca base de comparação. O aumento da instabilidade, por sua vez, vem sendo causado por uma série de fatores domésticos e externos (SOUZA JÚNIOR; LEVY; CAVALCANATI, 2019, n. p.).

Em março de 2019, o IPEA lançou outra nota sobre a visão geral de conjuntura da atividade econômica brasileira:

Tendo como base um cenário em que a reforma da previdência seja

aprovada com impacto relevante sobre a confiança dos empresários e consumidores já no segundo semestre deste ano, projetamos a aceleração do crescimento trimestral ao longo do ano, condição necessária para atingir o crescimento anual esperado de 2,0%. Ainda assim, a inflação deverá se manter abaixo da meta, fechando o ano em 3,85%. [...] Nesse cenário, a expectativa é que a redução das incertezas permitirá um avanço maior dos investimentos e abrirá espaço para uma queda maior do desemprego no ano que vem, favorecendo a dinâmica mais positiva do consumo (SOUZA JÚNIOR; LEVY; CAVALCANTI, 2019, n. p.).

Mesmo com todas as dificuldades do atual cenário econômico, os comerciantes chineses vêm conseguindo economizar. Devido ao seu foco no trabalho, demonstram que vieram para o Brasil para trabalhar, e que o fato de não estarem em seu país de origem acaba por facilitar sua economia, pois os mesmos evitam sair pela cidade para não gastar, principalmente os mais velhos (S.T., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, observou-se a falta de outros segmentos mais vulneráveis acerca do crescimento desarticulado de lojistas chineses no centro comercial de São Luís do Maranhão, e principalmente o desconhecimento e controle desse fenômeno por partes dos órgãos públicos e da população. É fato que o próprio comércio local facilitou a abertura para entrantes estrangeiros, através de um novo e lucrativo país fornecedor de produtos provenientes da China, deixando de lado com o tempo as importações paraguaias.

A maioria dos chineses encontra-se na cidade de São Luís desde 2007. Todos com o mesmo intuito: montar seu estabelecimento e melhorar as condições financeiras de seus familiares. E essa onda migratória está longe de findar, pois os relatos dos entrevistados demonstram um grande interesse dos imigrantes chineses nos centros comerciais brasileiros, onde transitam de São Paulo (que é o mais antigo e maior centro comercial hospitaleiro dos comerciantes chineses) para outros centros comerciais, como o de São Luís.

São Luís está inserido no contexto atual da imigração chinesa, mesmo que não tenha tanta força como em outros estados. Muitos imigrantes chineses já passaram por vários estados brasileiros, na busca pelo melhor crescimento econômico. Muitos desses imigrantes chineses constituem seus negócios com base no *know how*, passando por parentes e amigos. Eles acabam mantendo redes de solidariedade para ajudar novos imigrantes a entrarem no comércio brasileiro.

Existe ainda a preocupação com a conservação de locais que contam a história de São Luís, como o caso do Edifício Caiçara, que foi o primeiro edifício a ser construído em São Luís que abrigava a alta cúpula nos anos 60, e que agora tem servido de moradia para imigrantes chineses, tendo relatos do porteiro que os mesmos não cuidam do local, pelo contrário, têm degradado. Diante do exposto, fica a inquietação não apenas com o socioeconômico, mas com a arquitetura do centro de São Luís a respeito do comércio chinês no centro.

Além da preocupação arquitetônica e do crescimento desenfreado desses imigrantes, tem a relação de trabalho entre funcionários brasileiros e comerciantes chineses, onde a maioria dos entrevistados confirmou assinar a carteira dos trabalhadores, e em contrapartida, a maioria dos trabalhadores confirmou ter carteira assinada. Ainda assim, tiveram aqueles trabalhadores que relataram não estar

trabalhando de acordo com a CLT, e muitas vezes serem tratados com hostilidade pelos lojistas imigrantes.

É de extrema importância que os relatos desses poucos trabalhadores fiquem registrados na pesquisa, tendo em vista que atualmente o Brasil se encontra num quadro de desemprego e precarização do trabalho. Dessa forma, essas pessoas se submetam a qualquer tipo de trabalho, independente da circunstância, pensando apenas em sua subsistência e de seus entes. Diante disso, se faz necessário um acompanhamento mais rigoroso por parte das autoridades locais, para que estes funcionários não fiquem à margem dos seus direitos trabalhistas.

Com o novo sistema que a Delegacia de Imigrantes da PF dispõe atualmente, fica mais difícil acompanhar o número de imigrantes chineses que tem chegado ao estado do Maranhão. Os dados agora ficam disponibilizados apenas no sistema Observatório de migrações internacionais (OBmigra) e o Sistema de Migração da PF, de forma geral, o que impossibilita certo controle da entrada e/ou permanência dos imigrantes nos estados brasileiros e qual sua situação (irregular ou regular). Desta forma, o número de imigrantes pode ser bem maior do que as estatísticas tem apresentado.

A facilidade dos imigrantes chineses em conseguir permanência, devido às distintas brechas que as leis de permanência oferecem, traz uma abertura transnacional que abre preceitos para os descendentes futuros migrarem. A industrialização da China mostra duas facetas: de um lado o país chinês, com seu inchaço na comercialização interna de seus produtos, que provoca a emigração forçada da sua etnia, e, por outro lado, países, como Brasil e Portugal que carecem dos produtos manufaturados dos chineses.

Sabe-se que essa movimentação dos imigrantes chineses no centro de São Luís apenas crescerá com o decorrer dos anos, pois várias lojas que outrora estavam fechadas, têm sido inauguradas por novos imigrantes chineses toda semana, como relatam os lojistas brasileiros locais. E diante do atraso existente de fiscalização e controle por parte dos órgãos públicos competentes, São Luís vai ficando um passo atrás nas estatísticas e estudos nacionais sobre imigrantes, se comparado com outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Em épocas passadas, os fluxos migratórios eram restringidos ao sul e sudeste do Brasil, o que contribuiu para que outras regiões do país passassem a abriga-los. Em meio a saturação dos mercados do sudeste brasileiro o Censo

demográfico (2010) aponta o crescimento dos asiáticos no nordeste, demonstrando atrativamente as possibilidades econômicas dessa região.

Percebeu-se também durante a pesquisa, a falta de interesse no assunto e um esquivismo por parte de alguns órgãos públicos em fornecer informações simples, como, por exemplo, sobre a quantidade de lojas em funcionamento no centro de São Luís, o que dificultou muito a análise do campo de pesquisa, necessitando o pesquisador fazer uma “contagem cega” das lojas de imigrantes chineses nas principais ruas (Rua de Santana e Rua Sete de Setembro). Tendo em vista a enorme relevância que a pesquisa tem para o desenvolvimento socioeconômico do município de São Luís, e deixando inquietações para futuras pesquisas, é que se sugere investimentos por parte dos órgãos públicos: IPEA e JUCEMA, para projetos futuros de coletas de dados.

Para futuras pesquisas nesse campo, seria interessante observar com mais exatidão as mudanças no setor econômico e a inserção destes imigrantes e de seus descendentes em outras áreas sociais, bem como suas relações de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Katyane Alice Lobo de; ARAUJO, Luís Fernando; FIGUEIREDO, Tayana do Nascimento Santana Campo. **Edifício Caiçara: Ícone do Moderno e Locus de Migrantes Asiáticos**. São Luís, 2019.
- AMORIM, Marcela Sampaio Magalhães Alves. O Imigrante chinês no Brasil e Sudeste: Uma análise dos dados do Censo 2010 e do SINCRE – Polícia Federal de 2000 a 2014/The Chinese immigrant in Brazil and Southeast: An analysis of the data of the Demographic census (2010) and SINCRE–Federal Police. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 1, p. 182-196, 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2016v26nesp1p182/10456>. Acesso em: 25 ago. 2019.
- AMORIM, Marcela Sampaio Magalhaes Alves; OLVEIRA, Natália Maria de; FERNANDES, Duval Magalhães. A imigração chinesa para a América Latina e Brasil: O perfil do imigrante chinês no Sudeste brasileiro. **Caderno de Geografia**, v. 26, número especial 1, 2019. Disponível em: <http://abep.org.br/xxencontro/files/paper/856-757.pdf>. Acesso em: 31 maio 2019.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AS MIGRAÇÕES NA ÁSIA. **36º Congresso em Lisboa**, v. 9, n. 25, 2007. Disponível em: https://www.fidh.org/IMG/pdf/Asia_port.pdf. Acesso em: 12 maio 2019.
- BARRETO, Luis Pereira. Educação para o empreendedorismo. **Educação Brasileira**, v. 20, n. 41, pp. 189-197. 1998.
- BATALHA, Marla. Operação autua 12 lojas por sonegação de impostos. **O Imparcial**, 2017. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/11/operacao-autua-10-lojas-por-sonegacao-de-impostos/>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- BI, Meng. Imigração chinesa em São Paulo e o seu português falado. **Domínios de linguagem**, v. 8, n. 3, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/287444356_Imigracao_chinesa_em_Sao_Paulo_e_o_seu_portugues_falado. Acesso em: 27 set. 2019.
- CARVALHO, Antônio Pires de. **Os empreendedores da nova era**. São Paulo: APC Consultores Associados, 1996.
- CASTRO, Beatriz L. Gustmann; BERNART, Maria de Lourdes; BAPTISTA, Camila Correa. **Educação e Trabalho-Algumas reflexões sobre a imigração Haitiana no Brasil**. Artigo científico (Reunião Científica Regional da ANPED), Universidade Federal do Paraná- Curitiba/Paraná, 2016.

CHANG-SHENG, S. **Chineses no Rio de Janeiro**. 2009. Disponível em: www.leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/17/artigo125466-5.asp. Acesso em: 1 jun. 2019.

CHEN, Miao Shen. **Cultura e educação dos imigrantes chineses na cidade de Cascavel**: Dois mundos, um mesmo objetivo. 2010. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira). Centro de Educação, Comunicação e Arte, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2010.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

COMERCIANTES TRADICIONAIS DEIXAM A RUA 25 DE MARÇO. Galerias lotadas de comerciantes chineses não param de tomar o lugar dos tradicionais armarinhos de libaneses, armênios e turcos. **AE, Agência Estado**, 12 de agosto de 2012. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,comerciantes-tradicionais-deixam-a-rua-25-de-marco,915422>. Acesso em: 21 mar. 2019.

CONCREMAT ENGENHARIA E TECNOLOGIA. **CCCC investe em porto no Maranhão**. 2018. Disponível em: <https://www.concremat.com.br/cccc-investe-em-porto-no-maranhao/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

CUNHA, André Moreira *et al.* Impactos da Ascensão da China Sobre a Economia Brasileira: comércio e convergência cíclica. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 15, n. 3, p. 406-440, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rec/v15n3/02.pdf>. Acesso em: 4 maio 2019.

DIÁLOGO CHINO. **Sitiados pelo progresso. Acusadas de “anti-desenvolvimento”, comunidades no Maranhão resistem a um porto chinês enquanto seus direitos são atropelados**. 2019. Disponível em: <https://dialogochino.net/27080-besieged-by-progress/?lang=pt-br>. Acesso em: 14 set. 2019.

DIKÖTTER, Frank. **A grande fome de Mao** [recurso eletrônico]: a história da catástrofe mais devastadora da China, (1958-62). 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2017.

EMPRESA MARANHENSE DE ADMINISTRAÇÃO PORTUÁRIA. **Histórico Porto do Itaqui**. 2019. Disponível em: <http://www.emap.ma.gov.br/porto-do-itaqui/historico>. Acesso em: 12 jun. 2019.

FERREIRA, Ricardo Hirata. As migrações internacionais na Geografia. Encontro nacional sobre migrações, 5, 2007. P.1-25, Campinas. Anais, Unicamp, 2007. Disponível em: Acesso em: 08/07/2019

FIGUEIREDO, Tayana do Nascimento Santana Campos. **Edifício Caiçara**: entre a modernidade e a tradição Estudo sobre um modo de morar em São Luís-Maranhão. São Luís, 2007.

FISHER, Joana. Diáspora. *In*: MENDES, Nuno Canas; COUTINHO, Francisco Pereira. **Enciclopédia das Relações Internacionais**. Alfragide: Dom Quixote. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014. p. 146-148.

G1. **Brasileiro não está disposto a trabalhar como os chineses, diz jornal do país asiático**: segundo editorial do 'Global Times', do governo chinês, a indústria brasileira não se desenvolve por uma questão cultural e esta seria a diferença entre o país e a China. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/06/brasileiro-nao-esta-disposto-a-trabalhar-como-os-chineses-diz-jornal-do-pais-asiatico.ghtml>. Acesso em: 26 jun. 2019.

GEREFFI, Gary. Promessa e desafios do desenvolvimento. **Tempo soc.**, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702007000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 set. 2019.

GOES, Allisson Gomes dos Santos. Migrações internacionais e a diáspora chinesa no Brasil. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 2, n. 3, p. 35-45, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/1454>. Acesso em: 29 set. 2019.

GOTEX SHOW. Feira Internacional de Produtos Têxteis. **Gotexshow**, 2017. Disponível em: <http://gotexshow.com.br/sobre-a-feira/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

GRANDI, Guilherme. Existe uma Chinatown em Curitiba: saiba onde fica e o que fazer por lá. **Gazeta do Povo**, 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viverbem/comportamento/conheca-chinatown-curitibana-o-reduto-de-chineses-e-coreanos-no-centro-da-cidade/>. Acesso em: 04 jan. 2020.

GRUPO DE ESTRANGEIROS que mais cresceu é de asiáticos. **Estrangeiros no Brasil**, 2013. Disponível em: <http://www.estrangeirosbrasil.com.br/grupo-de-estrangeiros-que-mais-cresceu-e-de-asiaticos/>. Acesso em: 12 maio 2019.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

IMIGRANTES ASIÁTICOS DESCOBREM O MARANHÃO. **O Estrangeiro**, 2013. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2013/11/11/imigrantes-asiaticos-descobrem-o-maranhao/>. Acesso em: 4 maio 2019.

JOSÉ, Paulo. Feira de Santana: Retirada de ambulantes da Sales Barbosa para o Feiraguay completa 23 anos. **Acorda cidade**, 2018. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/202977/retirada-de-ambulantes-da-sales-barbosa-para-o-feiraguay-completa-23-anos-.html>. Acesso em: 1 mar. 2019.

KENT, Robert B. A diaspora of chinese settlement in Latin America and the Caribbean. *In*: MA, Laurence J. C.; CARTIER, Carolyon L. **The Chinese Diaspora: Space, Place, Mobility and Identity**. Roman and Littlefield publishers inc. Maryland, 2003.

L12 NOTÍCIAS. Feira de Santana: Associação de ambulantes vai barrar entrada de chineses no Feiraguay. **L12 Notícias**, 2016. Disponível em: <https://www.l12.com.br/noticias/3865-2016/03/09/feira-de-santana-associacao-de-ambulantes-vai-barrar-entrada-de-chineses-no-feiraguay>. Acesso em: 08 fev. 2020.

MA, Laurence J. C. Space, Place and Transnacionalism in the chinese diaspora *In*: MA, Laurence J. C.; CARTIER, Carolyon L. **The Chinese Diaspora: Space, Place, Mobility and Identity**. Roman and Littlefield publishers inc. Maryland, 2003.

MADRIGALI, Mariana. Imigração chinesa: um fenômeno mundial. **China Link Trading**, 2018. Disponível em: <https://www.chinalinktrading.com/blog/imigracao-chinesa/>. Acesso em: 26 maio 2019.

MALDANIS, Bruna. **Migração no Mundo**. 2012. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%c3%87%c3%83O-NO-MUNDO.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MAPA VETORIAL - China Mapa da cidade no nível da prefeitura dos Estados Unidos PNG. **FAVPNG**, 2017. Disponível em: https://favpng.com/png_view/vector-map-china-united-states-prefecture-level-city-map-png/tKVWtyZx. Acesso em: 12 maio 2019.

MÉZÁROS, István. **O Século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

MINNAERT, Ana Cláudia. A migração chinesa para Salvador: os novos rumos da diáspora. **Revista Eletrônica da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé**, n. 4, 2016. Disponível em: <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?artigos=a-migracao-chinesa-pra-salvador>. Acesso em: 12 maio 2019.

MUNG, Emmanuel Ma. **Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: "penser de l'intérieur" les phénomènes de mobilité**. Rennes, 2009.

NAVES, Márcio Bilharinho. Notas sobre o Maoísmo. **Revista Leste Vermelho - revista de estudos críticos asiáticos**, n. 1, junho de 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/53444640-1-o-maoismo-representa-na-historia-do-marxismo-a-mais-original-e-rigorosa-interpretacao-de.html>. Acesso em: 25 ago. 2019.

NEVES, Miguel Santos; ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. As diásporas e a globalização - a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global. **Revista Migrações**, v. 3, p. 165-189, 2008. Disponível em:

https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr3_Sec2_Art3_PT.pdf/0f5811db-a1d9-46d1-92bd-a8e1e2263b40. Acesso em: 21 mar. 2019.

NOGUEIRA, Isabela. O lugar da China na economia-mundo capitalista wallersteiniana. **Textos de Economia**, v. 11, n. 1, p. 39-53, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/6819>. Acesso em: 9 set. 2019.

PESQUISA INDEPENDENTE mostra desaceleração da economia chinesa. **Epoch Times**, 2013. Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/pesquisa-independente-mostra-desaceleracao-economia-china/>. Acesso em: 12 maio 2019.

PETRAS, James. **Armadilha neoliberal e Alternativas para a América Latina**. Ed. Xamã: São Paulo, 1999.

PIRES, Marcos Cordeiro. A Reconstrução da Hegemonia da China na Ásia. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

PIZA, Douglas de Toledo. **Um pouco da mundialização contada a partir da região da rua 25 de março: migrantes chineses e comércio “informal”**. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação, Universidade de São Paulo, 2012.

POSTON JUNIOR, Dudley L.; WONG, Juyin H. The Chinese Diaspora Population in circa-2011. *In: Annual Meeting of the Population Association of America*. Boston: Population Association of America, 2014.

ROUBICEK, Marcelo. A desigualdade racial do mercado de trabalho em 6 gráficos: Dados do IBGE mostram distância significativa entre brancos e negros. Diferença aparece no desemprego, na renda e na comparação por sexo. **Nexo**, 2019. Disponível em: https://favpng.com/png_view/vector-map-china-united-states-prefecture-level-city-map-png/tKVVWtyZx. Acesso em: 17 dez. 2019.

SEGURA, Paulo. Miguel Torres participa de protesto do setor têxtil contra importação de produtos chineses. **Ctm.org.**, 2013. Disponível em: <http://cntm.org.br/miguel-torres-participa-de-protesto-do-setor-textil-contra-importacao-de-produtos-chineses/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

SERRA, Eduardo Gonçalves. **Considerações sobre os impactos da entrada da China na OMC**. 2019. Disponível em: <http://www.charlespennaforte.pro.br/China%20na%20OMC%20-%20Impactos.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SILVA, Carlos Freire da. Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. **Cadernos MetrÓpole**, v. 20, n. 41, p. 223-243, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-99962018000100223&script=sci_arttext. Acesso em: 26 jun. 2019.

SOUZA JÚNIOR, José Ronaldo de Castro; LEVY, Paulo Mansur; CAVALCNATI, Marco Antônio F. de H. Visão Geral de Conjuntura. **Carta de Conjuntura**, 2019.

Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/indicador-ipea-de-risco-brasil/>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SUKUP, Viktor. China frente à globalização: desafios e oportunidades. In: Revista Brasileira de Política Internacional Brasília: IBRI, 2002, pp. 82-113.

SUN, Adam. A guerra de idéias dos jornais chineses em São Paulo. **Diazabão**, 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dazibao/>. Acesso em: 23 ago. 2019.

TAVARES, Maria da Conceição; MELIN, Luiz Eduardo. “Pós-escrito 1997: a reafirmação da hegemonia norte-americana”. In: FIORI, José Luis; TAVARES, Maria da Conceição (org.). **Poder e dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 1997.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio; MANDELBAUM, Henoch Gabriel. A diáspora chinesa como instrumento da política externa de pequim e suas implicações para a China Maior. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, v.8, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/viewFile/297/297>. Acesso em: 26 set. 2019.

THORSTENSEN, Vera. China e Eua - De guerras cambiais a guerras comerciais. **Revista Política Externa**, v. 19, n. 3, dez, jan, fev 2011. Disponível em: <https://ccgi.fgv.br/sites/ccgi.fgv.br/files/file/China%20e%20EUA%20-%20de%20guerras%20cambiais%20a%20guerras%20comerciais.pdf>. Acesso em: 5 maio 2019.

TRABALHADORES DO SETOR TÊXTIL SE MANIFESTAM EM SP contra importações da China. **Amambai Notícias**, 2013. Disponível em: <https://www.amambainoticias.com.br/brasil/trabalhadores-do-setor-textil-se-manifestam-em-sp-contra-importacoes-da-china>. Acesso em: 1 mar. 2019.

TRABALHADORES DO SETOR TÊXTIL SE MANIFESTAM EM SP. Com cartazes de “Fora China”, centenas de pessoas se concentraram diante no Feira Chinesa de São Paulo. **Da Redação**, 2013. Disponível em: <https://exame.com/brasil/trabalhadores-do-setor-textil-se-manifestam-em-sp/>. Acesso em: 2 set. 2019.

VALE. **Terminal de Ponta da Madeira, no Maranhão, completa 33 anos**. 2019. Veja fotos dessa história. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/Terminal-de-ponta-da-madeira-no-Maranhao-completa-33-anos-veja-fotos-dessa-historia.aspx>. Acesso em: 24 jun. 2019.

VÉRAS, Daniel Bicudo. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo**. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/3954>. Acesso em: 12 maio 2019.

VIEIRA, Rosângela de Lima. **O Brasil, a China e os EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

YOKOTA, Paulo. **Tentando aproximar a Ásia da América do Sul e vice-versa**. Ásia comentada, 2014. Disponível em: <https://www.asiacomentada.com.br/2014/02/importncia-da-dispora-chinesa-pelo-mundo/>. Acesso em: 27 set. 2019.

ZUCCARATTO, João. Cidade de São Luís sedia um complexo portuário sem comparação no mundo. **Zuccaratto**, 2017. Disponível em: <https://www.turismoria.com.br/turismo-e-cia/cidade-de-sao-luis-sedia-um-complexo-portuario-sem-comparacao-no-mundo/>. Acesso em: 2 set. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

Entrevista com os Empreendedores Imigrantes Asiáticos do Comércio do Centro de São Luís.

1) Qual o seu nome, idade e país de origem?

2) Qual o seu tempo de permanência no Brasil e Estado do Maranhão?

3) Qual o nome da sua empresa?

4) Sua empresa está legalizada conforme as normas dos órgãos responsáveis pelo funcionamento das lojas da região?

5) Como você chegou ao Estado do Maranhão e quais foram suas motivações para sair do seu país?

6) Como você faz pedido das suas mercadorias e qual a origem delas?

7) Você tem residência e loja própria no Estado do Maranhão?

8) Como você se sentiu no Estado do Maranhão?

9) Você pensa em retornar para o seu país?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Aplicado ao Órgão Municipal

Entrevista com Representantes dos Órgãos Envolvidos com o Comércio do centro de São Luís e Imigrantes Asiáticos.

1) Quantas lojas funcionam atualmente na região do centro comercial de São Luís?

2) Quantas lojas são varejo, atacado ou ambos?

3) Quantas lojas na Rua de Santana e Quantas na Sete de Setembro?

4) Quanto as lojas dessa região movimentam na economia do estado anualmente?

5) Nos últimos dez anos teve algum crescente número de lojas na região do centro comercial de São Luís?

6) Quais os principais produtos e serviços ofertados na região?

7) Quantos empregos foram gerados nos últimos sete anos na região do centro de São Luís?

8) Quantas lojas estão legalizadas?

9) O que sabem com segurança sobre a movimentação dos imigrantes asiáticos na área comercial do centro de São Luís?
